

P

A/Z



Cadernos de Tradução

Número 26 - janeiro/ junho - 2010

Poetas
Maiorquinos

Instituto de Letras - UFRGS



Cadernos de Tradução



Nº 26, jan/jun de 2010

Poetas Maiorquinos

Organizadores

Cleci Regina Bevilacqua
Maria Lucia Machado de Lorenci
Ruben Daniel Méndez Castiglioni

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Instituto de Letras - UFRGS



INSTITUTO DE LETRAS - UFRGS

Diretora: Profª. Jane Fraga Tutikian

Vice-Diretora: Profª. Maria Lucia Machado de Lorenci

COMISSÃO EDITORIAL

Profª. Ana Kessler Rocha

Profª. Patrícia Ramos Reuillard

Profª. Rosalia Neumann Garcia

Organizadores deste número:

Profª. Cleci Regina Bevilacqua

Profª. Maria Lucia Machado de Lorenci

Prof. Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Capa e Editoração: Leandro Bierhals Bezerra - Núcleo de Editoração Eletrônica do Instituto de Letras

Foto da capa: Catedral de Maiorca - © 2010 Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Letras

Av. Bento Gonçalves, 9500 CEP 91540-000 Porto Alegre-RS

Fone: (051) 33166689 Fax: (051) 33167303

<http://www.ufrgs.br/iletras>

E-mail: iletras@vortex.ufrgs.br

SUMÁRIO

Apresentação / 5

Entrevista com Antonio Rigo / 7

Poemas

Emili Sánchez Rubio / 13

Pau Castanyer / 43

Juan Planas Bennásar / 73

Paula López-Bermejo / 85

Luis Ansorena / 103

Salvador Bonet Fernández / 115

Car / 129

Felipe Hernández / 145

Antonio Rigo / 155

Jorge Espina / 175

La historia de *El Ultimo Jueves*, una biografía poética / 189

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Numa iniciativa inédita, que busca divulgar um pouco da cultura de uma região da Espanha, a Ilha de Maiorca, no arquipélago das Baleares, este número do *Cadernos de Tradução* é dedicado à poesia maiorquina. Estão representados vários poetas e, sobre muitos deles, oferecemos uma breve apresentação na qual são destacadas suas experiências como escritores de poesia e suas publicações. Também trazemos uma entrevista com o poeta Antonio Rigo, fundador e motivador do sarau literário *El último jueves*, bem como um breve histórico sobre esse sarau.

Ressaltamos que as traduções das poesias foram feitas por alunos do curso de tradução e revisadas pelas professoras responsáveis pelo Estágio de Tradução II do Espanhol no ano de 2008/1, Cleci Regina Bevilacqua e Maria Lucia Machado de Lorenci. Os nomes dos alunos encontram-se indicados nas respectivas traduções. A revisão final de todo o material foi realizada pelos professores organizadores desse número.

É oportuno acrescentar que esse trabalho foi extremamente enriquecedor para os alunos do Bacharelado em Tradução do Espanhol, pois, a tarefa de empreender a tradução de textos poéticos, provenientes de uma distante região espanhola, além de significar um grande desafio – por se tratar de tradução de poesia –, propiciou a alguns deles, que aceitaram o nosso desafio, a aventura de trazer para o idioma pátrio, os belos poemas que foram escritos em catalão, língua com a qual eles não estavam muito familiarizados, mas que lhes despertou o maior interesse.

Apresentamos um agradecimento especial a Joise A. Corrent, Luciane Alves e Guilherme Darisbo pela transcrição, tradução e revisão da entrevista com Antonio Rigo.

Cleci Regina Bevilacqua
Maria Lucia Machado de Lorenci
Ruben Daniel Méndez Castiglioni
Organizadores

Entrevista com Antonio Rigo

Em 2005, e com o apoio do Cnpq, estivemos na *Universitat de les Illes Balears*, em Palma de Mallorca, Espanha. Nessa Universidade comprometida com a cultura, a língua e a identidade da região, ficamos sabendo que no centro da cidade se reunia um grupo de escritores capitaneados por um jovem poeta: Antonio Rigo. Era uma iniciativa para levar a poesia às ruas. Fomos até lá e trocamos umas palavras com este verdadeiro agitador cultural. Um resumo do que falamos, vem a seguir. Depois, o simpático e afável Antonio escolheu alguns autores e poemas para que pudéssemos publicá-los por aqui. Selecionados e devidamente autorizados, seguem nas páginas deste *Cadernos de Tradução*. Esperamos que gostem.

Ruben Daniel Méndez Castiglioni

Antonio, qual é a sua formação?

R: Sou absolutamente autodidata. E, além disto, acredito com sinceridade que a poesia não se ensina, é algo que se vai adquirindo, não há escolas para estudar poesia. Para mim, ser poeta é um título, algo muito importante, mas que se concede facilmente demais hoje em dia. Acho que na poesia há diferenciações: existe uma poesia que considero autêntica, e há outra de gente que escreve poesia, faz versos, mas que para mim – sem intenção de menosprezar nem nada – são simplesmente escritores que também empregam o verso. Penso que uma coisa é ser poeta, outra é ser escritor; e digo isto com todo o respeito do mundo. Eu sou incapaz de escrever um romance, me parece algo difícilíssimo. No entanto, posso escrever versos. Bom, quanto às minhas leituras, o livro que mais me impressionou na vida é *Daniel Salbanca* de Robert Graves. Ele viveu aqui em Mallorca quase setenta anos, na região de Déia, e eu conheci toda a família. Sua filha traduziu meu livro *Poemas del Polígono Industrial* para o inglês, e escreveu os prólogos para esse e para *La Segunda Posición*. Mas então, eu decidi ser poeta quando descobri este mundo mágico da poesia, de verdade poética.

Este descobrimento da poesia, como você disse, foi através da leitura do trabalho de Robert Graves?

R: Sim, dele. Eu intuía algo, sabia que havia alguma coisa e dirigi meus passos até aí. Então, curiosamente me trataram verdadeiramente como poeta, ou seja, respeitando muito o que estava fazendo, coisa que não acontecia aqui em Palma de Mallorca. Afinal, você sabe que em geral se imagina que, se você está no mundo da poesia, ou não quer trabalhar ou é um boêmio. É uma cidade pequena, é uma ilha, há muitos preconceitos.

Você é natural de Palma de Mallorca?

R: Sou maiorquino de nascimento, mas minha mãe é da península, é extremenha, e ela é a minha grande influência na vida. A mistura é estranha porque meu pai é maiorquino, mas não um maiorquino típico, e minha mãe era dançarina de flamenco. Então, para mim, o *voç* de minha mãe, as mãos, são coisas que sempre estiveram presentes. A coisa dos ritmos, a mente musical me deu muita poesia. E Lorca, claro, minha mãe me deu Lorca, e eu ia resgatando tudo isto.

Você teve algum aprendizado acadêmico? Como é a sua relação com a academia aqui em Mallorca?

R: Não, não tive. Sou absolutamente autodidata, da cabeça aos pés. Talvez eu não seja o mais indicado para falar da academia (risos). Mas me recebem bem. Olha, me disseram que se eu fosse para a península, seria muito melhor, porque aqui ainda é – não sei se por ser uma ilha – um reduto muito fechado, muito difícil de penetrar. Há grandes exceções como Perfecto Cuadrado, Paco Díaz de Castro, que tentam mobilizar algo. Fiz algumas propostas – como fazer leituras na Universidade, para que os jovens que estão estudando possam ver que é possível se aproximar da poesia com humor, que é possível se aproximar da poesia sem medo, que os poetas estão vivos, não estão num depósito cheio de pó, que a poesia é uma coisa viva –, mas não houve possibilidade de realizar isto. Não sei muito bem por quê. Sou um pouco desterrado neste aspecto, eu trabalhava como mecânico e, de repente, os ingleses começaram a dar importância para um livro meu. A coisa cultural daqui me olhava, “e agora? E este, o que vem nos dizer? Nós somos os acadêmicos e ele um mecânico.” Acreditam que você tem de saber escrever de um jeito determinado. Mas por quê? Quem sabe guiar os sentimentos?

E como escreve? Como se define?

R: (rindo) Escrevo me entregando totalmente. Outro dia ouvi uma definição que nunca tinha escutado e me agradou, e são termos que não combinam: “esquisitismo romântico”. Fiquei muito surpreso. É isto, esquisitismo romântico.

Você escreve em castelhano?

R: Sim.

Por que não em maiorquino?

R: Porque para isto eu me traduzo, tenho de me traduzir. Para mim, escrever em maiorquino é o mesmo esforço que escrever em inglês.

Sua língua materna é o castelhano?

R: Sim, é a língua da minha mãe. Falo perfeitamente o catalão ou o maiorquino, mas para escrever não, teria de me traduzir.

Parece que os poetas que escrevem em catalão têm mais aceitação por aqui...

R: Aqui, hoje em dia, sim.

E antes?

R: Antes, talvez não. Hoje, sem dúvida nenhuma. E têm mais facilidades para publicar também. Têm mais subvenções, buscam mais esta coisa de cultura popular, de conservar o idioma, e tudo isto me parece fantástico. Como te disse, eu falo perfeitamente o catalão, mas escrevo em castelhano, e que me perdoem. Enfim, sim, é mais fácil, sobretudo existem mais subvenções e você já sabe que isto é o que os produtores buscam para publicar. Eu inclusive, por um tempo, entrei em batalha contra tudo isto, mas não é coisa que me interesse mais.

Por que em batalha?

R: Justamente por isto, porque escrevíamos em castelhano e eles em catalão, e se seu trabalho não era como o deles, não tinha nenhum valor. Então nós que escrevíamos em castelhano éramos os ruins, os desterrados da ilha. Há grandes poetas aqui que escrevem em castelhano, como Cristóbal Serra, que acho um poeta maravilhoso e passou toda a vida escrevendo em castelhano.

Fale sobre o *Último Jueves*.

R: Montamos as leituras em uma livraria em Palau Real, chamada Totem. Desde o início me veio este nome, *Último Jueves*. Começou pouco a pouco, umas vinte a trinta pessoas, muita gente jovem, fomos parando de vez em quando, e isto já faz doze anos. Em uma leitura desta primeira etapa, veio Cristóbal Serra, isto está gravado, meu companheiro Ramón tem a gravação. Cristóbal fez uma leitura memorável, cativou os jovens de uma maneira incrível, a lucidez dele é extraordinária.

E quem faz parte deste grupo?

R: O diretor sou eu. Salvador, um baixinho de óculos, Salvador Bonet, é um dos que ajudam e colaboram. Luis Ansorena, um grandão, é pintor e também escreve, se afezrou nesta última etapa e faz isto muito bem. A equipe mudou um pouco, mas já faz dois anos que temos a mesma base: Luis Ansorena, meu irmão

Car, Paula, Salvador Bonet e Emili Sanchez. Todos iam com peruca no *Último Jueves*, era um pouco de montagem para rir um pouco, preparar o ambiente para a apresentação do livro.

E sempre apresentam um livro?

R: Nem sempre, mas às vezes sim. Agora está na moda que me tragam livros para apresentar, porque faz muito sucesso.

Como selecionam estes livros? Alguém vem e sugere, ou o quê? Você tem um critério? Qual é?

R: Sim, tenho. Meu critério é a qualidade. Se vejo que o livro é de verdade, ótimo. De mentira eu não quero nada.

Poderia esclarecer isso?

R: Tick dizia que o poema deve atravessar o leitor como uma lança. Se eu pego um livro, abro e me causa impacto, vou estar com esse livro em tudo que possa e vou ajudar esse poeta em tudo que possa. Se abro um livro e não me transmite nada, fecho, deixo de lado, mas não chego a dizer “não gosto”, digo apenas “agora não é o momento”. Este é o meu critério, a comoção. Por outro lado, não sei se existem muito mais critérios que este. Tecnicismos, critérios mais acadêmicos, esses não quero.

Esses livros são apenas de poetas maiorquinos?

R: Não, alguns são de fora, outros são daqui, mas isto nesta fase atual. Porque, como vocês viram outro dia, vem muita gente, algo que não é habitual na leitura de poesia. Com pessoas indo escutar uma leitura de poesia é uma coisa surpreendente.

Desta seleção, há alguns poetas maiorquinos que você destacaria?

R: Sim, há poetas. Não quero entrar na questão de ser em castelhano ou catalão. Em língua não há diferenças, para mim não há nenhuma diferença. A poesia é abrir uma janela, ou seja, a lua é a mesma para todos. Enfim, há aqui poetas muito bons. Há o Jaime Canadés, um jovem poeta que ganhou um prêmio em Madrid, faz dois anos, e é muito interessante. Eduardo Sordá, que vive em Sevilha, mas é maiorquino, está fazendo poesia muito boa. Destaco também o Sollé, que já está afastado do mundo poético, mas que fez poesia muito boa tanto em catalão quanto em castelhano, há bastante material e tudo publicado. Eu trouxe

uma antologia para que você visse, saiu faz uns anos, praticamente só de poetas que escrevem em castelhano. Ali há uma seleção, alguns que citei agora e outros que não. De qualquer forma, não é uma má seleção, mas você sabe que uma antologia é sempre um risco, sempre fica gente de fora.

E dos seus trabalhos, o que destacaria? Qual é o livro mais representativo?

R: Eu diria *Poemas del Polígono Industrial*, pelo estranho que foi em seu momento. É um livro que tem dez anos, mas que causou muito impacto em nível nacional. É uma edição esgotada, e está traduzida para o inglês.

EMILI SÁNCHEZ RUBIO

Nací en Palma de Mallorca un 9 de abril, en el año 1983. Curso 5º de Historia del Arte en la Universitat de les Illes Balears y escribo poesía desde los 15 años, o lo que es lo mismo: desde el primer amor. Con frecuencia me pregunto porque sigo con esto de la poesía, y las más de las veces intuyo que debe ser porque a la vida le faltan versos. Me persigue la sensación de que en cada poema busco que me devuelvan algo que me robaron y es mío. Cuando escribo me duele la Luna.

He publicado 9 y 9= 18 y 9=27 (Casi treinta poemas escogidos al azar) en la Editorial Jujube que dirijo yo mismo. También 31 poemas breves en ocasión de Tertúlia@Deià 2005 (s'Encruia, 2005).

En breve aparecerá uno de mis últimos poemarios: Pájaros de plomo, en Ateneo Obrero de Gijón, colección Zigurat.

He sido antologado en el libro II Premio Internacional de Poesía Amorosa 2003 convocado por el Círculo de Bellas Artes de Palma de Mallorca.

He aparecido en revistas como Arboleda y La Bolsa de Pipas.

Entre otros títulos no publicados se encuentran Dando un masaje a los pies de una bañera; Préludes; Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas; Maries; Marines y Poemes del Museu.

Actualmente estoy preparando una antología de poetas jóvenes de Mallorca en lengua catalana.

Formo parte del grupo poético-musical Bebelgidity, que reparte sus actividades entre Barcelona, Mallorca y la isla de Menorca.

Soy colaborador habitual de El Último Jueves, recitales poéticos celebrados cada mes en Palma de Mallorca.

EMILI SÁNCHEZ RUBIO

Tradução: Greice Santini Galvão¹

Nasci em Palma de Mallorca em 9 de abril, no ano de 1983. Curso o 5º ano de História da Arte na Universidade das Ilhas Baleares e escrevo poesia desde os 15 anos, ou o que dá no mesmo: desde o primeiro amor. Com frequência me pergunto por que sigo com essa coisa de poesia, e na maioria das vezes intuo que deva ser porque faltam versos à vida. Persegue-me a sensação de procurar em cada poema que me devolvam algo que me foi roubado e é meu. Quando escrevo dói-me a Lua.

Publiquei 9 + 9=18 + 9=27 (Quase trinta poemas escolhidos ao acaso) na *Editorial Jujube* que eu mesmo dirijo. Também 31 poemas breves para a *Tertúlia@Deià 2005* (s'Encruia, 2005).

¹ Bacharel em Letras.

Em breve será publicada uma das minhas últimas coletâneas de poemas: *Pájaros de plomo*, pelo *Ateneo Obrero de Gijón*, coleção Zigurat.

Fui antologado no livro 2º Prêmio Internacional de Poesia Amorosa 2003 convocado pelo Círculo de Belas Artes de Palma de Mallorca.

Tive participação em revistas como *Arboleda* e *La Bolsa de Pipas*.

Entre outros títulos não publicados estão *Dando un masaje a los pies de una bañera*; *Préludes*; *Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas*; *Maries, Marines y Poemes del Museu*.

Atualmente estou preparando uma antologia de poetas jovens de Mallorca em catalão.

Faço parte do grupo poético-musical *Bebelgidit*, que divide suas atividades entre Barcelona, Mallorca e a Ilha de Menorca.

Sou colaborador habitual do *El Último Jueves*, recitais poéticos realizados mensalmente em Palma de Mallorca.

Poemas

Por este corazón
pasa una sangre que entra
y luego sale.
El corazón es una aduana insalvable que impulsa a seguir,
pero la sangre es un pueblo nómada que odia viajar.
Demasiado lastre para este clan que pasa con envidia
por las aldeas blancas de los quistes,
donde lo último que sucedió
fue el asentamiento del dolor que le dio su forma
y donde nunca hubo compromiso alguno con la movilidad o la esperanza.

(Inédito, 2006)

Por este coração
passa um sangue que entra
e logo sai.
O coração é uma alfândega insalvável que impulsiona a seguir em frente,
mas o sangue é um povo nômade que odeia viajar.
Entraves demais para este clã que passa com inveja
pelas aldeias brancas dos quistos,
onde o último acontecido
foi o assentamento da dor que lhe deu sua forma
e onde nunca houve compromisso algum com a mobilidade ou com a esperança.

(Inédito, 2006)

Tradução: Greice Santini Galvão

ÁRBOL I (El silencio)

Cojo un madroño.
Siento sostener una perla del silencio
picoteada por los pájaros.
Un árbol es una máquina sigilosa,
produce frutos, belleza, sombras.

(Inédito, 2005)

ÁRVORE I (O silêncio)

Colho um medronho.
Sinto sustentar uma pérola do silêncio
bicada pelos pássaros
Uma árvore é uma máquina sigilosa,
produz frutos, beleza, sombras.

(Inédito, 2005)

Tradução: Greice Santini Galvão

POEMA

No és fam,
és dent a punt d'introduir-se en el bosc de la carn.
No és ombra,
és un braç, una mà que no agafa.
No és pensament, és no cosa.

(Inédito, 2005)

POEMA

Não é fome,
é dente a ponto de se introduzir no bosque da carne.
Não é sombra,
É um braço, uma mão que não agarra.
Não é pensamento, é coisa nenhuma.

(Inédito, 2005)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório²

² Aluna do Curso de Bacharelado em Letras - Tradução.

I a mesura que es fan llargues les nits d'hivern
vaig canviant espiritualitat per preguntes en la blancor.
Esclaten bofigues a la calç viva del pensar,
i encara no es sap si la capacitat de solitud mata o porta la indestructibilitat.

(Inédito, 2005)

E à medida que se fazem longas as noites de inverno
Vou substituindo a espiritualidade por perguntas na brancura.
Explodem bolhas na cal viva do pensar,
e ainda não é sabido se a capacidade de solidão mata ou leva à indestrutibilidade.

(Inédito, 2005)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

No supimos atrapar el beso
ni vivir en el reguero blanco
que nos alargaba el verano. Piel y manzana.

Ahora hacemos inventário
de las heridas y hierbajos
en la piedra arenisca de la catedral
y trazamos rutas por donde esquivar
los muros sin luz y
esa gran nada que se nos planta delante.

Siempre vivimos donde el mar se cargó la cosecha,
donde los trens parecían pelotones abocados al óxido,
donde los cachalotes que dibujabas de niña
no lloraron al sentirse varar.

Ahora en mis ojos,
cruzando la ternura,
vagan humos y sombras.

(Pájaros de plomo, 2004)

Não soubemos capturar o beijo
nem viver no riacho branco
que nos ampliava o verão. Pele e maçã.

Agora fazemos inventário
das feridas e ervas daninhas
na pedra arenosa da catedral
e traçamos rotas por onde desviar
dos muros sem luz e
desse grande nada que surge à nossa frente.

Sempre vivemos onde o mar carregou a colheita,
onde os trens pareciam pelotões destinados ao óxido,
onde os cachalotes que desenhavas de menina
não choraram ao se sentirem varar.

Agora em meus olhos,
cruzando a ternura,
vagam brumas e sombras.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

HAY UN MENDIGO EN LA CALLE GUILLEM COLOM.

Llueve.

No va ni sucio ni limpio,
aún agacha la cabeza, es un iniciado en la pobreza.

Extiende una mano indefinida,
no se sabe si pide auxilio, otra mano,
la ligereza o una moneda.
Plomo en la nuca, en los ojos, la cabeza,
preservativos de pureza en su ademán.

Chico de la calle,
hoy eres el más rico entre los hombres,
tienes lo que a veces hecho en falta en mis poemas,
lo desconoces todo
y cuando lo aprendas,
como otros,
estarás sumido en la miseria.

(Pájaros de plomo, 2004)

HÁ UM MENDIGO NA RUA GUILLEM COLOM.

Chove.

Não está nem sujo nem limpo,
ainda abaixa a cabeça, é um iniciado na pobreza.

Estende a mão indefinida,
não se sabe se pede auxílio, outra mão,
a leveza ou uma moeda.
Chumbo na nuca, nos olhos, na cabeça,
resquícios de pureza em seu gesto.

Menino da rua,
hoje és o mais rico entre os homens,
tens o que às vezes sinto falta em meus poemas,
desconheces tudo
E quando aprendas,
como outros,
estarás submerso na miséria.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

EN NEGRO

En los zapatos ha quedado la llaga del rastrojo.
No existe betún
que cubra la raspadura de acero y bosque
con que forjaron tus ojos.

(Pájaros de plomo, 2004)

EM PRETO

Nos sapatos ficou a chaga do restolho.
Não existe graxa
que cubra a raspadura de aço e bosque
com que forjaram teus olhos.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

¿Y esto era la madurez?

¿Ver como se enciende el ojo felino
de la desconfianza mientras
oscurece a mi alrededor?

(Pájaros de plomo, 2004)

E isto era a maturidade?

Ver como se acende o olho felino
da desconfiança enquanto
escurece ao meu redor?

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

En domingo
 traen la carga de árboles muertos
 que han de dar fruto en mis infiernos.
 Sus semillas son lápidas que se dejan caer
 en los lugares comunes de mis paseos.
 Las avenidas que solo cruza mi fiebre.
 La Calle Mayor engrandecida y muda
 tras mis pies descalzos.
 Las piedras ligeras de la Catedral
 cuando te pienso.
 Los asedios de los perros en los parques
 sin motivo, y más adelante
 los niños que juegan al ping-pong de medianoche
 con el hinchazón blanco de la Luna.
 Mis infiernos también se sientan con los jóvenes
 que escupen palabras tan amargas
 como lo que han mascado en vida,
 y también junto al viejo que lucha sin remedio
 por no dormirse en el banco de aluminio.
 Mi infierno lleva por bufanda
 tu ombligo a lo lejos,
 porque los infiernos también tienen frío
 cuando las lágrimas parecen tener ya siempre
 el mismo significado.

(Pájaros de plomo, 2004)

No domingo
 Trazem a carga árvores mortas
 que têm de dar fruto em meus infernos.
 Suas sementes são lápides que se deixam cair
 nos lugares comuns de meus andares.
 As avenidas que só minha febre cruza.
 A *Calle Mayor* engrandecida e muda
 depois de meus pés descalços.
 As pedras leves da Catedral
 quando penso em ti.
 O assédio dos cachorros nos parques
 sem motivo, e mais adiante
 os meninos que jogam ping-pong à meia-noite
 com o inchaço branco da Lua.
 Meus infernos também se sentam com os jovens
 que cospem palavras tão amargas
 como o que têm mascado em vida,
 e também junto ao velho que luta sem remédio
 para não dormir no banco de alumínio.
 Meu inferno usa como cachecol
 teu umbigo ao longe,
 porque os infernos também têm frio
 quando as lágrimas parecem ter já sempre
 o mesmo significado.

(Pájaros de plomo, 2004)

Tradução: Greice Santini Galvão

Tu tens flamarades de flors
entre la pell.

A mi tant se'm dóna
escriure versos d'amor
quan estic enamorat
o no ho estic.
Quan vaig escriure
el primer poema,
els meus pares - entre rialles -
demanaven qui era l'afortunada.
Ningú. Ningú, pares, no hi ha ningú;
jo tinc tretze anys i anguiles
al cor, pares.
- Rigueren més i no ho cregueren -.

Jo tinc un braç
llançat al futur
que es perfila
com una ombra que s'allarga
sota un xiprer,
l'altre repenja
per l'arena de la platja
on vaig escriure el nom més estimat.
I després un altre. Després un altre
també.
Però jo no tinc amor, ni abans,
quan el primer poema,
ni tampoc ara.

Jo tinc anguiles al cor, pares:
Tu tens flamarades de flors
entre la pell.

(Maries, 2004)

Tu tens labaredas de flores
entre a pele.

Para mim tanto faz
escrever versos de amor
quando estou enamorado
ou não estou.
Quando escrevi
o primeiro poema,
os meus pais – entre risadas –
perguntavam quem era a afortunada.
Ninguém. Ninguém, pais, não há ninguém;
eu tinha treze anos e enguias
no coração, pais.
- Riram mais ainda e não acreditaram.

Eu tinha um braço
lançado ao futuro
que se perfila
com uma sombra que alonga
sob um cipreste,
o outro repousa
na areia da praia
onde escrevi o nome mais estimado.
E depois um outro. Depois um outro
também.
Mas eu não tinha amor, nem antes,
no primeiro poema,
nem tampouco agora.

Eu tenho enguias no coração, pais:
Tu tens labaredas de flores
entre a pele.

(Maries, 2004)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Quiero salir
más allá de los campos
para abrazarte
y ser el mundo
robándote unas cerezas.
Seré las cerezas
cuando mis dolores
sean
si es necesario
más fuertes que los oráculos.
Comprenderás que soy dueño
de la llave de todos tus huertos
cuando me sorprendas
ascético
sentado en comunión con los higos.

(Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas, 2003)

Quero sair
muito além dos campos
para abraçar-te
e ser o mundo
roubando-te algumas cerejas.
Serei as cerejas
quando minhas dores
sejam
se é necessário
mais fortes que os oráculos.
Compreenderás que sou dono
da chave de todos os teus pomares
quando me sorprendas
ascético
sentado em comunhão com os figos.

(Nabi. Pinturas proféticas de viento y otros poemas, 2003)

Tradução: Carolina dos Santos Carboni³

³ Bacharel em Letras.

6 de la mañana.
Cielo azul. Pájaros en las ramas.
Me fumo mi primer cigarrillo,
hay una brutal sensación de libertad en mi aire.

La imagen de la mujer que yo quiero, se me reproduce,
mi corazón late más fuerte que el Sol.
Cuando alzo la cabeza
la felicidad y el miedo son un mismo sentimiento.

Estoy fuertemente enamorado,
danzo con los árboles
y charlo pausadamente con las piedras.

(Dando un masaje a los pies de una bañera, 1999-2001)

6 da manhã.
Céu azul. Pássaros nos ramos.
Fumo meu primeiro cigarro,
há uma brutal sensação de liberdade no meu ar.

A imagem da mulher que eu amo me é reproduzida,
meu coração pulsa mais forte que o Sol.
Quando ergo a cabeça
a felicidade e o medo são um mesmo sentimento.

Estou profundamente apaixonado,
danço com as árvores
e converso pausadamente com as pedras.

(Dando un masaje a los pies de una bañera, 1999-2001)

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

Ella me miró 27 soles consecutivos,
yo respondí: “encontrémonos
en las páginas centrales de mis indecisiones”.

Entonces nube.

Cuando volví a buscarte
los perros habitaban la ciudad. Iban de frac y lucían elegantes bastones.

Té encontré y en la casa de siempre
(sucio balcón y arquitectura del XIX).
Ahora habitabas las horas tras el armario de terciopelo rojo.
Aún así, al verte asustada,
con los ojos vacíos,
aún así, intuyendo tu muerte
y parte de la mía (tú sin comer),
marché sin fuerzas, bajé las escaleras
y como uno más me mezclé entre los perros.

No té ladraré. Yo te aúllo.

(Préludes, 2002)

Ela me olhou 27 sóis consecutivos,
eu respondi: “encontremo-nos
nas páginas centrais das minhas indecisões”.

Então nuvem.

Quando voltei para buscar-te
os cães habitavam a cidade. Iam de fraque e exibiam elegantes bengalas.

Encontrei-te e na casa de sempre
(suja sacada e arquitetura do século XIX).
Agora habitavas as horas atrás do armário de veludo vermelho.
Ainda assim, ao ver-te assustada,
com os olhos vazios,
ainda assim, intuindo tua morte
e parte da minha (tu sem comer),
parti sem forças, desci as escadas
e como mais um me misturei entre os cães.

Não te ladrarei. Eu te uivo

(Préludes, 2002)

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

PAU CASTANYER

Pau Castanyer Fe va ser parit a Palma de Mallorca el Juny de 1983, entre hotels i oliveres. Va créixer envoltat de natura i d'un ambient creatiu que li va permetre començar a interessar-se per la literatura i la poesia. Però no fou fins als quinze anys que va voler escriure poesia i encara se demana si algú dia ho aconseguirà. Actualment resideix a Barcelona, entre hotels i edificis. On, sense cap professió reconeguda, la poesia (i la seva difusió) s'ha convertit en la seva motivació.

-Ha escrit els següents llibres de poesia:

-*In the Strass (Memòries de pluja)* (1999. Autoeditat)

-*Cafè, Copa i Puro* (2002. Autoeditat)

-*Essències* (2005. Publicat a l'editorial Jujube. Col·lecció La Grapada de Ginjols)

-*Poemes de la Gran Ciutat* (2005-2006. Inèdit)

-*Nedar-te la pell* (2006. Propera publicació amb Muntaner Editor. Col·lecció La Butzeta)

-Forma part del grup poètic-musical "*Bebelgídit*", amb els quals ha publicat un monogràfic a la revista literària bimestral *Bossanova* (nº5, Gener-Febrer 2005) i organitza periòdicament recitals de poesia i espectacles diversos.

-Forma part de la companyia teatral "*Corcada Teatre*", amb els quals ha portat a escena una adaptació del seu poemari *Nedar-te la pell*, dirigida per Joan Fullana i estrenada a l'Institut del Teatre de Barcelona dia 7 de Juny de 2006. Així mateix, ha participat en el projecte com actor i en el procés de dramaturgia.

-Col·labora amb la revista literària "*Pèl Capell*" com a membre del consell redactor, amb la qual ha publicat a tots els seus números i ha organitzat i participat als recitals poètico-musicals que es fan a mode de presentació de la mateixa revista.

PAU CASTANYER

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Pau Castanyer nasceu em Palma de Mallorca, em junho de 1983, entre hotéis e olivais. Cresceu rodeado pela natureza e por um ambiente criativo que lhe permitiu começar a se interessar pela literatura e pela poesia. Mas não foi senão aos quinze anos que quis escrever poesia e ainda se pergunta se algum dia o conseguirá. Atualmente, reside em Barcelona, entre hotéis e edifícios, onde, sem qualquer profissão reconhecida, a poesia (e sua difusão) converteu-se na sua motivação.

Escreveu os seguintes livros de poesia:

- *In the Strass (Memòries de pluja)* (1999, edição do autor)

- *Café, Copa i Puro* (2002, edição do autor)

- Essències* (2005, publicado pela editora Jujube, coleção La Grapada de Ginjols)
- Poemes de la Gran Ciutat* (2005-2006, inédito)
- Nedar-te la pell* (2006, próxima publicação com Muntaner Editor, coleção La Butzeta).

-Faz parte do grupo poético-musical *Bebelgídit*, com o qual publicou uma edição especial na revista literária bimestral *Bossanova* (n. 5, Janeiro-Fevereiro de 2005) e periodicamente organiza recitais de poesia e espetáculos diversos.

-Participa da companhia teatral *Corcada Teatre*, com a qual levou à cena uma adaptação do seu poema *Nedar-te la pell*, dirigida por Joan Fullana e estreada no Instituto do Teatro de Barcelona, no dia 7 de junho de 2006. Além disso, participou do projeto como ator e no processo dramaturgico.

-Colabora, como membro do conselho editorial, com a revista literária *Pel Capell*, na qual publicou em todos os seus números e organizou e participou de todos os recitais poético-musicais, que promovem a revista.

Poemas

Tancar els ulls,
la llavor sobre la llengua.

Cercar el roig.
Moure la terra.
Trobar l'aigua.

Fer en pocs segons,
dins el teu espai,
el viatge de la vida.

Morir tranquil, serè,
per despertar
amb un arbre a la boca.

(de "Poemes de la gran Ciutat")

Cerrar os olhos,
a semente sobre a língua.

Buscar o rubro.
Mover a terra.
Encontrar a água.

Fazer em poucos segundos,
dentro do teu espaço,
a viagem da vida.

Morrer tranquilo, sereno,
para despertar
com uma árvore na boca.

(de *Poemes de la gran Ciutat*)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Voldria veure els anys dels arbres,
fer un cercle,
tancar un cicle,
ser la pell en roca
o la soca
tranquil·la,
humida.

La sang
—calenta dolçor,
vermella alegria—

em demana

desfer-me,
desestructurar-me,
reinventar-me,
acceptar el misteri.

Anella estimant-te.

(de "Poemes de la gran Ciutat")

Gostaria de ver os anos das árvores,
fazer um círculo,
fechar um ciclo,
ser a pele em pedra
ou o tronco
tranquilo,
úmido.

O sangue
- quente doçura,
vermelha alegria —

me demanda

desfazer-me,
deseestruturar-me,
reinventar-me,
aceitar o mistério.

Anilha amando-te

(de *Poemes de la gran Ciutat*)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

No pensis els concaus hemisferis
de la pluja quan banya la brutícia aferrada
als camins de voravia ciutadana.

No vulguis veure
el perfil de l'aigua
ni el vent estàtic.

Niguls d'aire

Que no et tregui la tempesta
la negror del teu barri,
ni aturi el fum de les màquines
l'instant eròtic quan esclata la gota,

si tanmateix després
ni el tall delicat de la flor
-quan obre l'encletxa que trenca l'asfalt-
no et paralitza la veu de les cames,
l'enginy metàl·lic del pit,
el rostre cansat dels ulls.

(de "Poemes de la gran Ciutat")

Não penses nos côncavos hemisférios
da chuva quando banha a sujeira entranhada
nos caminhos da calçada cidadã.

Não queiras ver
o perfil da água
nem o vento estático.

Nuvens de ar

Que não te tire a tempesta
o negror do teu bairro,
nem ature a fumaça das máquinas
no instante erótico em que explode a gota,

se, não obstante, depois
nem o caule delicado da flor
— quando trabalha a fenda que rompe o asfalto —
não te paralise a voz das pernas,
o engenho metálico do peito,
o rosto cansado dos olhos.

(de *Poemes de la gran Ciutat*)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Tu sucaves llimones
tant tranquil·la,
tant teva,
que jo, mentre te xerrava
i te mirava les espatlles
i el començament dels pits,
volia diluir-me amb la teva pell
i volia ser una lluna
per tornar-te llum
els cabells volàtils i alegres.

Després, el matí arriba
com un foc sec i daurat
a la gola,
i te despertes
i me mires tant suau
i te tombes al sofà
i no pots escoltar
i encara no saps xerrar.

La son et dura,
però estàs preciosa.

Sóc feliç
i me'n vaig a comprar cafè.

(de "Poemes de la gran Ciutat")

Tu espremas limões
tão tranquila,
tão ensimesmada,
que eu, enquanto conversava contigo
e mirava o teu torso
e o início dos seios,
queria diluir-me na tua pele
e queria ser uma lua
para transformar em luz
os cabelos esvoaçantes e alegres.

Depois, chega a manhã
como um fogo seco e dourado
na garganta
e te despertas
e me olhas tão suave
e caís no sofá
e não podes escutar
e ainda não sabes conversar.

Teu sono é pesado,
mas estás bela.

Sou feliz
e vou comprar café.

(de *Poemes de la gran Ciutat*)

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

L'equilibri:

una pedra sobre l'altra,
 una ombra arribant a la persona,
 una persona entrant a l'ombra,
 el so de la llum,
 el gest cap als ulls.

Hi ha un cel color síndria,
 les voravies tenen l'altura de l'asfalt,
 ànimes,
 peus obscurs,
 regalims i ferratines per la paret,
 ànimes o penjar la roba.
 Al final dels tubs elèctrics:
 els fanals,
 el desig ràpid
 de recórrer tot un espai
 com l'ocell abraça la branca.

Peus enfundats,
 ombres dins la nostra ombra.

Estir el cap,
 se'm col·loquen les vèrtebres.
 Equilibri.
 Empeltar-se els ulls
 de flor de cirerer
 o el Sol just davall la pell.

Te vull escriure nou,
 sense raó,
 sense cap raó.
 Posar-me davant tu
 i xerrar-te els braços
 i escoltar-te el pols
 o batecs de llavis.

O equilíbrio:

uma pedra sobre a outra,
 uma sombra alcançando a pessoa,
 uma pessoa entrando na sombra,
 o som da luz,
 o gesto em direção aos olhos

Há um céu cor de melancia,
 as calçadas têm a altura do asfalto,
 almas,
 pés escuros,
 vazamentos e ferrugens pela parede,
 almas ou pendurar a roupa.
 No final dos tubos elétricos:
 os faróis,
 o desejo rápido
 de percorrer todo um espaço
 como o pássaro abraça o galho.

Pés afundados,
 Sombras dentro da nossa sombra.

Estiro a cabeça,
 ajeitam-se as vértebras.
 Equilíbrio.
 Enxertar-se os olhos
 de flor de cerejeira
 ou o Sol exatamente embaixo da pele.

Quero te escrever de novo,
 sem razão,
 sem razão alguma.
 Colocar-me diante de ti
 e falar com teus braços
 e escutar teus pulsos
 ou o movimento dos lábios.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Sóc d'un verd efímer,
ni la fulla,
ni la pedra,
ni la pluja.

Sóc d'un verd efímer
o el torrent que esclata
només cada tres generacions.

Voldria l'ocell
o segar el blat que demanes.

Empeltar-se els ulls
i deixar que el misteri
segueixi essent misteri.

Obrir la boca per besar-te.

La raó enraona amb aquells
que no saben acariciar l'aigua.

(Aquests dos darrers són inèdits)

Sou de um verde efêmero,
nem a folha,
nem a pedra,
nem a chuva,

Sou de um verde efêmero,
ou a torrente que explode
somente a cada três gerações.

Queria o pássaro
ou ceifar o trigo que pedes.

Enxertar-se os olhos
e deixar que o mistério
seguisse sendo mistério.

Abrir a boca para beijar-te.

A razão conversa com aqueles
que não sabem acariciar a água.

(Estes dois últimos são inéditos)

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli⁴

⁴Aluna do Curso de Bacharelado em Letras.

Dilluns fresc de juliol:

Ahir vespre
la verticalitat dels plataners
me varen fer sentir el cel
i entendre
que la pluja és l'altura.

(de "Poemes de la gran Ciutat")

Segunda-feira fresca de julho:

Ontem ao entardecer
a verticalidade dos plátanos
me fizeram sentir o céu
e entender
que a chuva é a altura.

(de *Poemes de la gran Ciutat*)

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Pau Castanyer

Platja deserta.
Vull nedar-te la pell
i fer-te la mar.

Colònia de Sant Jordi, Agost de 2004.

Praia deserta.
Quero nadar-te a pele
e fazer-te o mar.

Colônia de Sant Jordi, agosto de 2004.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Faig olor a mar.
Desitges la plenitud
i sents rompre una ona.

Cala Tuent, 20 de Juliol de 2004.

A en Toni Ferrando i en Jaume Reus.

Cheira a mar
Desejas a plenitude
e sentes romper uma onda.

Cala Tuent, 20 de julho de 2004.

Ao Toni Ferrando e ao Jaume Reus.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

M'agradaria tenir
la parsimònia de les roques
quan reben l'aigua de la mar

Cascais (Portugal), 22 de Setembro de 2005.

Gostaria de ter
a parcimônia das rochas
quando recebem a água do mar.

Cascais (Portugal), 22 de setembro de 2005.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

He vist la Lluna sortir
d'entre una placenta de núvols blancs.

Ara ja sóc fill d'aquest moment.

Barcelona, Juny de 2004.

Vi a lua sair
de entre uma placenta de nuvens brancas.

Agora já sou filho deste momento.

Barcelona, junho de 2004.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

1

Aquesta nit té conreus de llum.

Puc veure la teva pell adormida
i sentir com bategues
entre els llençols.

Puc agafar el fred dels teus peus
i dur-lo damunt la Lluna.

1

Esta noite te cultivas de luz.

Posso ver tua pele adormecida
e sentir como palpitas
entre os lençóis.

Posso agarrar o frio dos teus pés
e levá-lo em cima da Lua.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

2

Aquesta nit té conreus de llum.
Me deix sembrar la son.
Esper.
Cada dematí germina nova flor.

Son Bessó, 23 d'Agost de 2004.

2

Esta noite te cultivas de luz.
Me deixa semear o sono
Espera.
Cada amanhecer germina nova flor.

Son Bessó, 23 de agosto de 2004.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

JUAN PLANAS BENNÁSAR (Palma de Mallorca, 1956) es poeta, crítico literario y articulista de opinión.

Ha publicado los siguientes libros:

Hipertelia (Biblioteca Atlántida, Barcelona. 1982)
Pasión Impresa (Editorial Devenir, Barcelona. 1985)
Insomnios (Editorial La Bolsa de Pipas, Palma de Mallorca, 2003)
Fuera del Tiempo - Ensayos poéticos. (La Bolsa de Pipas, 2004)
Alrededores o la Mansión de las luciérnagas (Colección Poesía. Calima Ediciones, Madrid, 2006)
Duellum (Editorial La Lucerna. Palma, 2006)
Los Pliegues Ocultos (Colección Territorios. Calima Ediciones, 2006).

Fue incluido en la Antología Bilingüe *Poètes D'Espagne. Poésie du Silence* (Les Cahiers Bleus, Troyes. 1992), tras lo cual decidió desaparecer por completo para acabar, años después, dedicándose a construir silenciosamente sus laberintos conceptuales en Internet. En la actualidad dirige la Revista digital *Puertas Abiertas* y nos cuenta, muy a su manera, sus intimidades literarias desde su blog *La Telaraña* - <http://jplanas.blogspot.com> -. Es colaborador habitual de El Mundo - Edición de Baleares.

JUAN PLANAS BENNÁSAR (nascido em 1956, Palma de Mallorca, Ilhas Baleares, Espanha) é poeta, crítico literário e colunista de opinião.

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

Publicou os seguintes livros:

Hipertelia (Biblioteca Atlántida, Barcelona. 1982)
Pasión Impresa (Editorial Devenir, Barcelona. 1985)
Insomnios (Editorial La Bolsa de Pipas, Palma de Mallorca, 2003)
Fuera del Tiempo - Ensayos poéticos. (La Bolsa de Pipas, 2004)
Alrededores o la Mansión de las luciérnagas (Colección Poesía. Calima Ediciones, Madrid, 2006)
Duellum (Editorial La Lucerna. Palma, 2006)
Los Pliegues Ocultos (Colección Territorios. Calima Ediciones, 2006).

Foi incluído na Antologia Bilíngue *Poètes D'Espagne. Poésie du Silence* (Les Cahiers Bleus, Troyes. 1992). Depois disso, passou por um período sem aparecer nos meios de comunicação ou em publicações, voltando anos depois a manifestar suas idéias ao construir seus labirintos conceituais na internet. Atualmente dirige

a Revista digital *Puertas Abiertas* e nos conta, muito ao seu jeito, suas intimidades literárias em seu blog *La Telaraña* - <http://jplanas.blogspot.com> -. Também é colaborador do jornal espanhol *El Mundo* – Edição de Baleares.

Poemas

De Alrededores o la mansión de las luciérnagas

El tedio dificulta coserse las heridas.

El ovillo arranca en los jardines
que intuimos afuera. [Una mañana
partió de pesca y dejó escapar
muchos ojos moribundos. Temió
que se le clavase una última mirada]

Luego nos envuelve de objetos
inútiles y nos atrapa.

La memoria exige más fortaleza
que el olvido. [Se masturbaba con racimos
de vid, trenzando las piernas
en lo alto de las copas de árboles
imaginarios]

Ahora las habitaciones le parecen
una repetición absurda

— El señor no ha vuelto. No volverá
porque nadie le espera

y en sus manos esconde
el sinsentido de la muerte
porque la angustia o el dolor
son algo familiar en su existencia.

Eso lo aprendió, desde luego, en otro tiempo.

[El joven Emir la amó intensamente
y si la convirtió en mujer
también quiso que ella perpetuase
su estirpe]

Pero no fue así.

En el sótano, unos huesos diminutos
relucen como lentejuelas.

De arredores ou a mansão dos vaga-lumes

O tédio dificulta costurar-se as feridas.

O novelo arranca nos jardins
que intuímos afora. [Numa manhã
partiu para pescar e deixou escapar
muitos olhos moribundos. Temeu
que lhe fosse cravado um último olhar]

Logo nos rodeia de objetos
inúteis e nos captura.

A memória exige mais fortaleza
que o esquecimento. [Masturbava-se com cachos
de uvas, enroscando as pernas
no alto das copas de árvores
imaginárias]

Agora os quartos lhe parecem
uma repetição absurda

— O senhor não voltou. Ele não voltará
porque ninguém o espera

e em suas mãos esconde
o sem-sentido da morte
porque a angústia ou a dor
são algo familiar em sua existência.

Aprendeu isso, certamente, em outro tempo.

[O jovem Emir amou-a intensamente
e se a fez mulher
também quis que ela perpetuasse
sua estirpe]

Mas não foi assim.

No porão, alguns ossos diminutos
reluzem como lentejoulas.

Allí las telarañas cubren
un aljibe de aguas grises
y un agujero en la pared, tiznado
de uñas plateadas, oculta
un nombre escrito con sangre ilegible.

Ali as teias de aranha cobrem
um poço de águas cinzentas
e um buraco na parede, manchado
de unhas prateadas, oculta
um nome escrito com sangue ilegível.

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

De Duellum

Una noche salió al jardín
y se golpeó la sien contra las piedras.
Intentó resistir al sueño
pero no pudo evitar el asombro
de la sangre inundando los marjales.

[En aquellas aguas dejó que el tiempo
la desnudase hasta los huesos.
Vio pasar un enjambre de gusanos
y le dolió sentirse rechazada]

Sabe que el laberinto es un engaño
y que los cinco sentidos esconden
el enigma de un círculo de alpaca
y una malla con plumas: la belleza
exacta de un atrapasueños.

[Lo construyó cuando los pájaros
huían espantados de los bosques
y se posaban en su mano.

Desde siempre recuerda
su ligero temblor imperceptible
y cómo unas pocas palabras
calmaban su parálisis]

De Duellum

Uma noite saiu ao jardim
e bateu as têmporas contra as pedras.
Tentou resistir ao sono
porém não pôde evitar o assombro
do sangue inundando o pântano.

[Naquelas águas deixou que o tempo
a despisse até os ossos.
Viu passar um enxame de vermes
e doeu sentir-se rejeitada]

Sabe que o labirinto é um engano
e que os cinco sentidos escondem
o enigma de um círculo de alpaca
e uma trama com penas: a beleza
precisa de um apanhador de sonhos.

[Construiu-o quando os pássaros
fugiam espantados dos bosques
e posavam em sua mão.

Há tempo recorda
seu leve tremor imperceptível
e de como algumas poucas palavras
acalmavam sua paralisia]

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

De Fuera del Tiempo

El Amor

Quizá el amor exista en las palabras
como el eco de un tránsito
fundacional y ambiguo
que nos retiene un solo instante
de duración indefinida
en la deshabitada oquedad, frágil,
de la memoria anclada entre las algas,
las zapatillas rosas y el cepillo de dientes;
ese breve bagaje recubierto
de polvo delator y hebras de ausencia,
que siempre sobrevive al naufragio.

Quizá exista como un lenguaje
vitalicio y armónico,
metáfora que escribe entre las olas
la vida, con puntual incertidumbre
e inmediato revuelo entre las sábanas,
intentando ajustar el nuevo ritmo
de los cuerpos, las voces, los alientos,
nuestras rancias sonrisas recreadas.

Quizá el amor decaiga, envejezca,
y se escriba en los huecos que dejamos,
o nazca en otro abrazo,
en otra sangre, en otra piedra.

Fora do tempo

O Amor

Talvez o amor exista nas palavras
como o eco de um trânsito
fundacional e ambíguo
que nos retém um só instante
de duração indefinida
no desabitado vazio, frágil
da memória ancorada entre as algas,
as chinelas rosadas e a escova de dentes;
essa breve bagagem recoberta
do pó delator e dos fios da ausência,
que sempre sobrevive ao naufrágio.

Talvez exista como uma linguagem
vitalícia e harmônica,
metáfora que escreve entre as ondas
a vida, com pontual incerteza
e imediato alvoroço entre os lençóis,
tentando ajustar o novo ritmo
dos corpos, das vozes, da respiração,
nossos rançosos sorrisos recriados.

Talvez o amor desvaneça, envelheça,
e seja escrito nas lacunas que vamos deixando,
ou nasça em outro braço,
em outro sangue, em outra pedra.

Tradução: Carolina dos Santos Carboni

PAULA LÓPEZ-BERMEJO

Poemas

UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades

Elsa Ekdah

La chicas de Ipanema
siempre bailan descalzas

en el embarcadero.

Junto a la orilla,
entre los tablones
y los arrecifes
escuchan Bossanova
buscando coral.

La pobreza
de los trópicos
es una ciudad hundida
en el fondo del mar.

De camino a casa
edificios coloniales,

una bici con cesta reparte el correo

y montones de niños
pero una sola pelota.

En Ipanema hay ríos,
montañas, volcanes
y desiertos en donde comprender,

que hay cosas en la tierra
que le dan ideas a Dios

para crear el cielo.

Elsa Ekdah

As garotas de Ipanema
sempre dançam descalças

no embarcadero.

Junto à orla
entre os taboões
e os recifes
ouvem Bossa Nova
procurando corais.

A pobreza
dos trópicos
é uma cidade submersa
no fundo do mar.

A caminho de casa
edifícios coloniais,

uma bici com cesta distribui as correspondências

e um montão de crianças,
mas uma única bola.

Em Ipanema há rios,
montanhas, vulcões
e desertos onde é possível compreender

que há coisas na terra
que dão idéias a Deus

para criar o céu.

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale⁵

⁵ Bacharel em Letras.

Tres pasos hacia Dios

I

Después de haber
conocido los bosques frondosos
de la locura,
de haber escrito hasta la extenuación.

II

Ver a un roble hermoso,
a un nogal.
Escribir a una ardilla
que busca una piña
en la cereza oscura del desierto.
Nadar entre ninfas y nenúfares
el día en que Dios creó la manzana...

III

Se cae una hoja
y el cielo está cerrado.

Três passos até Deus

I

Depois de ter
conhecido os bosques frondosos
da loucura,
de ter escrito até a exaustão.

II

Ver um belo carvalho,
uma nogueira.
Escrever para um esquilo
que procura uma pinha
na certeza obscura do deserto.
Nadar entre ninfas e nenúfares
no dia em que Deus criou a maçã...

III

Uma folha cai
e o céu está fechado.

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

El ojo del Cíclope

Dentro del sauce
está la imagen
de una montaña
derretida por el sol.

Estamos en Dinamarca
y Andersen está sentado
junto al fuego;
en sus ojos he visto
la cabaña donde habita
la nieve de los cuentos.

Copenhague despierta
bajo los llantos de un árbol.

Un hombre esta al piano,
es una pieza de Brahms
y yo veo el crepúsculo
que se filtra en la roca,
veo el sarampión de estrellas
que se pierde en un manto de saciedad.

Con el ojo del Cíclope
he podido ver los olivos,
estoy al norte de algún mapa,
mi casa está lejos...

pero yo me siento,
cierro los ojos
y veo la costa ,

entonces comprendo:
donde mueren las águilas
empieza la libertad.

O olho do Cíclope

Dentro do chorão
está a imagem
de uma montanha
derretida pelo sol.

Estamos na Dinamarca
e Andersen está sentado
junto ao fogo;
vi em seus olhos
a cabana onde mora
a neve dos contos.

Copenhague desperta
sob os prantos de uma árvore.

Um homem está ao piano,
é uma peça de Brahms
e eu vejo o crepúsculo
que se infiltra na rocha,
vejo o pontilhado das estrelas
que se perde num manto de satisfação.

Com o olho do Cíclope
pude ver as oliveiras,
estou ao norte de algum mapa,
minha casa está distante...

mas eu me sento,
fecho os olhos
e vejo a costa,

então compreendo:
onde morrem as águias
começa a liberdade.

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

Transiberiano

“ Como alguien que anda junto a un río
y tiene sobre su piel la sombra de los árboles”. (Benjamín Prado)

Estamos en una isla
del mediterráneo,

tu me hablas
de la soledad que se siente
en un tren cruzando Siberia,

allí los días se parecen
a un río que ha perdido
el reflejo de los árboles .

Mientras tus ojos me siguen contando el viaje,

... las palabras son la piel del águila
en una aventura sin rumbo,
las noches son el oro líquido
que brilla entre el centeno ...

yo fijo un punto
en el cielo azul
y empiezo a buscar la ermita
donde olvidé
que la aleación de los metales
no era parte del proceso en la alquimia;
donde comprendí
que la piedra filosofal
no era mas que el camino a empezar.

...el transiberiano es una ventana de cera,
es un tigre buscando diamantes en el jardín...

Transiberiano

“Como alguém que caminha junto a um rio
e tem sobre sua pele a sombra das árvores”. (Benjamín Prado)

Estamos em uma ilha
do Mediterrâneo,

tu me falas
da solidão que se sente
em um trem cruzando a Sibéria,

ali os dias parecem
um rio que perdeu
o reflexo das árvores.

Enquanto teus olhos continuam contando-me a viagem,

...as palavras são a pele da águia
em uma aventura sem rumo,
as noites são o ouro líquido
que brilha entre o centeio...

eu fixo um ponto
no céu azul
e começo a procurar a ermita
onde esqueci
que a fundição dos metais
não fazia parte do processo na alquimia;
onde compreendi
que a pedra filosofal
não era mais que o caminho a começar.

... o Transiberiano é uma janela de cera,
é um tigre procurando diamantes no jardim...

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

Cinco preguntas y una aureola en el infierno

¿Sabes en que mano
está la moneda
que traerá el Apocalipsis
de nuestros días?

¿Si te quedase
un instante de consciencia
que serías ventana
o jardín?

¿En que lugar
encontraste la manzana
que te descubrió
que el infierno
sólo era una cuenta pendiente?

¿Dime
en que punto
de tu arquitectura
empieza el infinito?

¿Alguna vez has sentido
el camino partido
en los colores de Dalí?

Amigo regresemos,
regresemos con una aureola
en llamas
por los caminos de pétalos
en rosa
- como potro
de un mundo parido por
la poesía -.

Cinco perguntas e uma auréola no inferno

Sabes em que mão
está a moeda
que trará o Apocalipse
de nossos dias?

Se te restasse
um instante de consciência
o que serias janela
ou jardim?

Em que lugar
encontraste a maçã
que te mostrou
que o inferno
só era uma conta pendente?

Diz-me
em que ponto
da tua arquitetura
começa o infinito?

Alguma vez já sentiste
o caminho partido
nas cores de Dalí?

Amigo, voltemos,
voltemos com uma auréola
em chamas
pelos caminhos de pétalas
em rosa
- como potro
de um mundo parido pela
poesia-.

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

Summertime

Cuando tus pies descalzos
me hacen el amor
siempre es tiempo de verano.

Estoy en una azotea blanca
ladrillo color marrón,
a la derecha
me siento fuerte,
aplastada.

Mi cara está desnuda
al viento,
al sol lunático,
a la uva madura
de tus pisadas.

Es tiempo de verano.

Y tu me amas,
me untas con
el caucho de tus suelas
mi vientre descarnado.
Y te huelo,
Y te siento,
Y te vuelvo a oler.

Descalzo
a rueda y a asfalto,

y entonces mojado.

Summertime

Quando teus pés descalços
me fazem amor
sempre é tempo de verão.

Estou em um terraço branco
tijolo de cor marrom,
à direita
me sinto forte,
fatigada.

Meu rosto está despido
ao vento,
ao sol lunático,
à uva madura
de tuas pisadas.

É tempo de verão.

E tu me amas,
me untas com
a borracha de tuas solas
meu ventre descarnado.
E sinto teu cheiro,
E te sinto,
E volto a sentir teu cheiro.

Descalço
a roda e a asfalto,

e então, molhado.

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

La flor

Pienso en una flor
y aparece una rosa.
La belleza en un instante
se convierte en un pétalo rojo.

Pienso en una flor
y veo la rosa que se esconde
bajo un jardín encantado,
bajo una luna dormida
y me pregunto - sin duda tal vez -

¿qué pensarás tú de una rosa?

A flor

Penso em uma flor
e aparece uma rosa.
A beleza em um instante
converte-se em uma pétala vermelha.

Penso em uma flor
e vejo a rosa que se esconde
sob um jardim encantado,
sob uma lua adormecida
e me pergunto – sem dúvida, talvez –,

o que pensarias tu de uma rosa?

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

El árbol

El árbol
es la corteza olvidada del lirio,

la luciérnaga que se esconde
entre las sombras.

Un árbol es jardín y crepúsculo.

A árvore

A árvore
é a casca esquecida do lírio,

o vaga-lume que se esconde
entre as sombras.

Uma árvore é jardim e crepúsculo.

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

LUIS ANSORENA

León, 1948. Atrapado inexorablemente por la luz del Mediterráneo, reside en Baleares desde 1982.

Licenciado en Derecho y en Historia del Arte. Artista pintor, ha realizado exposiciones en prácticamente toda España, Italia, Estados Unidos y Dinamarca.

Ha publicado poesía en la revista *La bolsa de pipas*. Ha escrito el libro de poemas, no publicado, *La rama y el río*.

Miembro y participante habitual del grupo poético *El Último Jueves*.

LUIS ANSORENA

Tradução: Ivani Regina Schneider Caporale

León, 1948. Inexoravelmente prisioneiro da luz do Mediterrâneo, vive em Baleares, desde 1982.

Licenciado em Direito e em História da Arte. Artista pintor, realizou exposições em praticamente toda Espanha, Itália, Estados Unidos e Dinamarca.

Publicou poesia na revista *La bolsa de pipas*. Escreveu o livro de poemas, não publicado, *La rama y el río*.

Membro e participante habitual do grupo poético *El último jueves*.

Poemas

Y SI UNA NOCHE.

Y si una noche, amor,
te despiertas a mi lado,
llorando,
llena de penas y ausencias,
abrázame y yo te abrazo,
pues son esas mismas penas,
son esas mismas ausencias,
las que habitan
mi corazón
desolado.

Palma, marzo 2006.

E SE UMA NOITE.

E se uma noite, amor,
despertas a meu lado,
chorando,
cheia de penas e ausências,
abraça-me e eu te abraço,
pois são essas mesmas penas,
são essas mesmas ausências,
as que habitam
meu coração
desolado.

Palma, março 2006.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

EL LÁPIZ

Cojo el lápiz que, callado,
humilde, sobre la mesa aguarda.
Después dibujo un rostro
que de pronto me recuerda
a la que fue, o pudo ser,
mi amada.
Después dibujo un árbol
que, enseguida, se expande
y estalla en llamaradas.
Después escribo un verso
que quiere amarlo todo
y sobre todo, la nada.
Después ya dejo el lápiz,
callado, humilde, sobre la mesa
y aguarda.

Palma, enero 2005.

O LÁPIS

Pego o lápis que, calado,
humilde, sobre a mesa aguarda.
Depois desenho um rosto
que de repente me recorda
a que foi, ou pôde ser,
minha amada.
Depois desenho uma árvore
que, em seguida, se expande
e explode em labaredas.
Depois escrevo um verso
que quer amar a tudo
e sobretudo, o nada.
Depois já deixo o lápis,
calado, humilde, sobre a mesa
e aguarda.

Palma, janeiro 2005

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

EL VIAJERO

Un suave sol de otoño
calienta la fachada de mi casa,
en donde estoy apaciblemente sentado.
Los perros dormitan a mis pies
y una música serena se mezcla
con el olor a café y a pan tostado.
Y sin embargo, dime,
viajero que pasas hacia el Sur,
¿por qué te envidio tanto?

Otoño 2004

O VIAJANTE

Um suave sol de outono
aquece a fachada de minha casa,
onde estou tranquilamente sentado.
Os cães dormitam a meus pés
e uma música serena se mistura
com o aroma de café e de pão torrado.
E no entanto, diz-me
viajante que passas em direção ao Sul,
por que te invejo tanto?

Outono 2004

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

LOS LIBROS NUEVOS

Apenas abro un libro nuevo
y he de meter mi nariz
entre sus hojas abiertas
para aspirar, ansioso,
sus más íntimas esencias.

Tu sabes, amor,
de lo que hablo
pues lo mismo me pasa
entre tus piernas.

Palma, 24/2/05

OS LIVROS NOVOS

Assim que abro um livro novo
tenho de meter meu nariz
entre suas folhas abertas
para aspirar, ansioso,
suas mais íntimas essências.

Tu sabes, amor,
do que falo
pois o mesmo me acontece
entre tuas pernas.

Palma, 24/2/05

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

SALVADOR BONET FERNÁNDEZ

Nace en Palma. Cofundador del grupo y revista de poesía "Artres". Cofundador, también, y alma máter del grupo "La Nova Degeneració Poètica", conocido por sus recitales y happenings, y de su revista "POR", pendiente de un décimo y último número.

Premio "Reina Amalia 85" por "No se haga ilusiones Don Poeta". Ha publicado poemas y artículos en varias revistas, "Lluc", "El Mirall", "Escalabruix", etc. Ha participado en muchos recitales. En el café "L'Havana" leyó "Escatología poética de Abecassus" (1982-1984), como versos "ocultos" de un heterónimo.

Colabora en prensa ("Diario de Mallorca", 1986-1991) y es monitor social en el Hospital de Nit y monitor del Club d'Esplai "Sa Calatrava".

SALVADOR BONET FERNÁNDEZ

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Nasce em Palma. Co-fundador do grupo e revista de poesia "Artres". Co-fundador, também, e alma mãe do grupo "La Nova Degeneració Poètica", conhecido por seus recitais e happenings, e de sua revista "POR", pendente de um décimo e último número. Prêmio "Reina Amália 85" por "No se haga ilusiones Don Poeta". Publicou poemas e artigos em várias revistas, "Lluc", "El Mirall", "Escalabruix", etc. Participou de muitos recitais. No café "L'Havana" leu "Escatologia poética de Abecassus" (1982-1984), como versos "ocultos" de um heterónimo.

Colabora no jornal ("Diario de Mallorca", 1986-1991) e é monitor social no albergue noturno e monitor do Clube de Recreação "Sa Calatrava".

Poemas

BIOGRAFIA IMPRESENTABLE

No tenc telèfon mòbil ni ordinador.
Sens dubte som descendent directe
de l'Home de les Cavernes.
L'anomenat Estat del Benestar
em fa estar malapler.
La moda m'incomoda,
el confort m'afarta....
No, no vaig en sentit contrari.
És que el món va de cul!

BIOGRAFIA INAPRESENTÁVEL

Não tenho celular nem computador.
Sem dúvida sou descendente direto
do Homem das Cavernas.
O chamado Estado do Bem-estar
me faz deslocado.
A moda me incomoda,
o conforto me enfara....
Não, não vou no sentido contrário.
O mundo é que vai de mal a pior.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Sa Calatrava mon amour

Sa Calatrava és un poble envoltat
de ciutat per totes parts
manco per la mar i qualche portaavions.

Sa Calatrava és un casc antic
no retornable,
un barri sense voreres
com l'univers
o com un potet de bona confitura.

Sa Calatrava és un portal
ple de clovelles de pipes
i rialles de nin,
una al·loteta jugant a futbol
a dalt murada.

Sa Calatrava és una cala verge
que se trava, que se trava,
que se troba molt bé aquí on està,
tan a prop de la Mediterrània i del cel
(que no entre quatre parets!)
...tan a prop de la gent.

Julio 89

Sa Calatrava meu amor

Sa Calatrava é um povoado cercado
de cidade por todos os lados
carece de mar e alguns porta-aviões.

Sa Calatrava é um bairro antigo
não retornável,
um bairro sem calçadas
como o universo
ou como um pote de boa geleia.

Sa Calatrava é um portal
cheio de cascas de sementes
e risos de crianças,
uma mocinha jogando futebol
por cima da murada.

Sa Calatrava é uma enseada virgem
que se trava, que se trava,
que se encontra muito bem aqui onde está,
tão perto do Mediterrâneo e do céu
(que não entre quatro paredes!)
...tão junto da gente.

Julho 89

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Benaurança

Feliços els hotelers, constructors,
polítics i grans empresaris
que han convertit la nostra terra
en un paradís de ciment i asfalt
perquè ells mai no intuiran
que el càncer de Mallorca
és el turisme.

Bem-aventurança

Felizes os hoteleiros, construtores,
políticos e grandes empresários
que converteram nossa terra
em um paraíso de cimento e asfalto
porque eles jamais intuirão
que o câncer de Majorca
é o turismo.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

La poesia és una pistola d'aigua dolça

Si parlar fos igual que escriure un poema
i escriure fos com parlar amb un amic
la meua paraula seria tan certa i natural
com la bellesa que m'il·lumina el cor
un dia ennigulat de primavera
quan les ones de caragol s'arremolinen pel cap
com una mar brava de cabells
en veure el vol furtiu d'una oronella.

No puc amagar les coses que sent
i que em perdoni la gent un poc escrupulosa
però amb el ritme sil·làbic d'un vers
no ballarà descalça una dona damunt el ventre del poeta
sense música de fons o un glop de cervesa
perquè fagi efecte la metàfora.

Abril de 1988

A poesia é uma pistola de água doce

Se falar fosse igual a escrever um poema
e escrever fosse como falar com um amigo
a minha palavra seria tão certa e natural
como a beleza que me ilumina o coração
um dia nublado de primavera
quando as ondas de caracol se redemoinham pela cabeça
como um mar bravio de cabelos
ao ver o voo fortuito de uma andorinha.

Não pude ocultar as coisas que sinto
e que me perdoem as pessoas um pouco escrupulosas
porém com o ritmo silábico de um verso
não bailará descalça uma mulher sobre o ventre do poeta
sem música de fundo ou um gole de cerveja
para que faça efeito a metáfora.

Abril de 1988

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

La venus de carn i or

Degué ser un dibuix d'aquelles escarrinxades
sobre una pell tan tendre
el que va fer posar vermell al sol
en el cim del Puig Gros,
mentre ella es duia la mà al cap
tractant de subjectar
la seva indòmita i primitiva cabellera.

Abril de 1993

A vênus de carne e ouro

Deveria ser um desenho daqueles escarranchados
sobre uma pele tão tenra
o que vai deixar o sol vermelho
no alto do Puig Gros,
enquanto ela leva a mão à cabeça
tentando sujeitar
a sua indomável e primitiva cabeleira.

Abril de 1993

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

CAR

Poemas robados

Dentro de la ya larga historia de El Último Jueves una de las anécdotas que ha causado más impacto y mereció incluso cierto seguimiento en prensa es la que relato a continuación. Viene acompañada por los poemas. Esto es lo que hay.

Durante el pasado El Último Jueves, mi hermano Car me pidió que leyera algún poema suyo, sin nombrar al autor. Lo hice y por lo visto conmovieron. Los tomé de mi cesta al leer y ahí los volví a dejar al acabar la lectura. Cuando mi hermano me reclamó los poemas estos habían desaparecido. Eran sus primeros poemas y la primera vez que se hacían públicos. Vaya éxito. A mí no me ha pasado nunca, y mira que llevo años. Bueno, apareció una nota en prensa escrita por un amigo de El Último exigiendo la inmediata devolución de los poemas. La nota llamó la atención del articulista Juan Planas y le proporcionó un artículo titulado Versos Robados. Hasta el día de hoy no han aparecido. Te hemos enviado la copia que guarda Car en el corazón de su cabeza. Como firmante Car quiere que sólo aparezca Car. Únicamente la nota es mía.

Tanto esta nota como los poemas que siguen aparecieron publicados en La Bolsa de Pipas de julio-agosto del 2005.

Las primeras palabras cuestan
son lentas, torpes y espesas.
Las cadenas estuvieron ahí demasiado tiempo.
Pero ya no tengo miedo y
a medida que brotan
me desnudo, me veo y me gusta.

CAR

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Poemas roubados

Dentro da já longa história do *El Último Jueves*, um dos fatos que causou mais impacto e mereceu até mesmo algum acompanhamento na imprensa é o que relato a seguir. Vem acompanhado pelos poemas. É isto.

Durante o passado El Último Jueves, meu irmão Car me pediu que lesse algum poema seu, sem mencionar o autor. Assim fiz e, pelo visto, comoveram. Peguei-os de

minha cesta ao ler e tornei a deixá-los aí ao terminar a leitura. Quando meu irmão me pediu de volta os poemas, estes haviam desaparecido. Eram seus primeiros poemas e a primeira vez que se tornavam públicos. Que êxito. A mim isso nunca ocorreu, e olha que levo anos. Bem, apareceu uma nota na imprensa, escrita por um amigo do El Último exigindo a devolução imediata dos poemas. A nota chamou a atenção do articulista Juan Plana e lhe proporcionou um artigo intitulado Versos Roubados. Até o dia de hoje não apareceram. Te enviamos a cópia que Car guarda no coração de sua cabeça. Como autor Car quer que só apareça Car. Apenas a nota é minha.

Tanto esta nota quanto os poemas que seguem apareceram publicados em La Bolsa de Pipas de julho-agosto de 2005.

As primeiras palavras custam
são lentas, desajeitadas e densas.
As correntes estiveram aí tempo demais.
Porém já não tenho medo e
a medida que brotam
me dispo, me vejo e me agrada.

Si una mañana lejana me despierto
y tu sonrisa ya no está aquí
lucharé con todas mis fuerzas y manzanas
para que no se apodere de mi
esa tristeza tan triste.

Se uma manhã longínqua desperto
e teu sorriso já não está aqui
lutarei com todas minhas forças e maçãs
para que não se aposse de mim
essa tristeza tão triste.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Le digo en voz alta:
déjame dormir.
Ella no contesta.
Me mira
sonríe y
guiña un ojo.
¿Otra noche en blanco?

Digo-lhe em voz alta:
deixa-me dormir.
Ela não responde.
Olha-me
sorri e
pisca um olho.
Outra noite em claro?

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

A los 33 años, 8 meses y 25 días
me miras y
el pájaro azul se atreve
finalmente
a asomarse por 1ª vez.

Aos 33 anos, 8 meses e 25 dias
me olhas e
o pássaro azul se atreve
finalmente
a se assomar pela 1ª vez.

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

El Regalo

Me regalasteis a Neruda, Rimbaud y Carver
 al gran Claudio con su cojera y astucia infinita
 a saborear la música y comida cubana
 con los hermanos Reyes del Mambo,
 me enseñasteis a conjurar como un necio,
 la ironía de Wilt y a dar el Gran Cambiazo,
 a sobrevivir como Pi y su Richard Parker
 y también a Morrison con su jardín,
 y yo dejé de beber y de jugar a rugby.

Maio 2005

O Presente

Me presenteastes com Neruda, Rimbaud e Carver
 com o grande Cláudio com sua manqueira e infinita astúcia
 a saborear a música e a comida cubana
 com os irmãos Reyes del Mambo,
 me ensinastes a invocar como um insensato,
 a ironia de Wilt e a dar o Gran Cambiazo,
 a sobreviver como Pi e seu Richard Parker
 e também a Morrison com seu jardim,
 e eu deixei de beber e de jogar rúgbi.

Maio 2005

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

He perdido mi protección
como los alcornoques que yacían en el bosque
junto a la casa de mi primo, en Girona
y ahora permanezco en mi cama tumbado, inmóvil
y sufriendo, completamente desnudo
incapaz de enfrentarme al mundo
y lo que es peor
sin saber cuando seré capaz de nuevo.

Julio 2006

Perdi minha proteção
como as corticeiras que jaziam no bosque
junto à casa de meu primo, em Girona
e agora permaneço em minha cama deitado, imóvel
e sofrendo, completamente desnudo
incapaz de enfrentar o mundo
e o que é pior
sem saber quando serei capaz outra vez.

Julho 2006

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Esta mañana a las 6:20
he sido capaz de escribir el poema anterior,
pero eso no cambia nada
¿Y si lo cambiara todo?

Julio 2006

Esta manhã às 6:20
fui capaz de escrever o poema anterior,
porém isso não muda nada
E se mudasse tudo?

Julho 2006

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

FELIPE HERNÁNDEZ

Estos poemas del músico y escritor Felipe Hernández pertenecen al libro *Insects, Butterflies, Ghosts* que fue presentado en una sesión especial de *El Último Jueves*. Está originalmente escrito en inglés y sus poemas son al mismo tiempo canción e imagen.

FELIPE HERNÁNDEZ

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Estes poemas do músico e escritor Felipe Hernández pertencem ao livro *Insects, Butterflies, Ghosts* que foi apresentado em uma sessão especial do *El Último Jueves*. Está originalmente escrito em inglês e seus poemas são ao mesmo tempo música e imagem.

Poemas

las estancias
de todos los días
y he visto todos los rostros
caminando a través de mi corazón
de todos en mi corazón

una vez más

quinto bailar contigo

dejadme llevar por la vida

caminando contigo

estas estancias son mías

para que me enseñen

no hay nadie

muertas sus vidas

hallamos para siempre

contra las reglas del mundo

dejaré las estancias

en tus manos

dejaré las estancias

en tus manos

en tus manos

estas estancias son mías

para que me enseñen

dejaré las estancias

en tus manos

POEMAS

estas estancias son mías
para que me enseñen
dejaré las estancias
en tus manos

POEMAS

estas estancias son mías
para que me enseñen
dejaré las estancias
en tus manos

POEMAS

estas estancias son mías
para que me enseñen
dejaré las estancias
en tus manos

POEMAS

estas estancias son mías
para que me enseñen
dejaré las estancias
en tus manos

dejaré las estancias

en tus manos

dejaré las estancias

en tus manos

en tus manos

estas estancias son mías

para que me enseñen

dejaré las estancias

en tus manos

Zapatero de los estanques
he soñado con tus pies
y he visto todos tus zapatos
caminando a través de mi cabeza
clavados en mi corazón

una vez más
quiero bailar contigo
dejándome llevar por la corriente
caminando contra el vacío

*estos zapatos son míos
pero quiero caminar descalzo*

no hay suelo
nuestras suelas pisan ficciones
bailamos pasos desconocidos
contra las leyes del amor

quítate los zapatos
camina sobre mi
quítate los zapatos
están empapados de lágrimas

*estos zapatos son míos
pero voy a bailar descalzo*

Sapateiro dos tanques
sonhei com teus pés
e vi todos teus sapatos
caminhando através de minha cabeça
cravados em meu coração

uma vez mais
quero dançar contigo
deixando-me levar pela corrente
caminhando contra o vazio

*estes sapatos são meus
porém quero caminhar descalço*

não há solo
nossas solas pisam ficções
dançamos passos desconhecidos
contra as leis do amor

tira os sapatos
caminha sobre mim
tira os sapatos
estão empapados de lágrimas

*estes sapatos são meus
porém vou dançar descalço*

Tradução: Maria Lucia de Souza Lima Meregalli

Libélula

seré lento contigo
verás caer mis párpados
mi hálito arrugará
las sábanas entorno a ti
mientras tu sangre
cuenta las horas
y mi mano azul
sostiene tu cabello

seré muy lento esta noche
despertaré cada poro
pulsaré cada nervio tuyo
con la vibración de mi aliento

olvida la luz
deja que los juncos
y las malezas que fermentan
en las orillas del río
alienten esta habitación
y arrastren nuestros tejidos
nuestro sudor a un estuario
aún más lento

deja que sostenga
tu cráneo en mi vientre
tu sonido en mi piel
tu cáliz en mis labios

Libélula

serei lento contigo
verás caírem minhas pálpebras
meu hálito enrugará
os lençóis ao teu redor
enquanto teu sangue
conta as horas
e minha mão azul
segura o teu cabelo

serei muito lento esta noite
despertarei cada poro
tocarei cada nervo teu
com a vibração do meu alento

esquece a luz
deixa que os juncos
e as sarças que fermentam
nas margens do rio
animem este quarto
e arrastem nossos tecidos
nosso suor a um estuário
ainda mais lento

deixa que apoie
tua cabeça em meu ventre
teu som em minha pele
teu cálice em meus lábios

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Nomophila Noctuella

tú amas la tormenta y yo amo los laberintos
tú deseas más palabras y yo necesito un respiro
tus sonidos crecen mientras yo me desvanezco
mis labios cuelgan de los lóbulos de tus orejas

las voces del mundo atraviesan nuestros tejidos
las voces del mundo nos desnudan

oscilando, oscilando sobre tus hombros desnudos
azarosas partículas de luz ciegan mis ojos
en un mundo sin suelo donde los sonidos permanecen
en un mundo sin suelo donde pierdo el habla

las voces del mundo atraviesan nuestros tejidos
las voces del mundo nos arrancan las ropas

Nomophila noctuella

tu amas a tormenta e eu amo os labirintos
tu desejas mais palavras e eu preciso de um descanso
teus sons crescem enquanto eu me desvaneço
meus lábios pendem dos lóbulos de tuas orelhas

as vozes do mundo atravessam nossos tecidos
as vozes do mundo nos desnudam

oscilando, oscilando sobre teus ombros desnudos
malfadadas partículas de luz cegam meus olhos
em um mundo sem chão onde os sons permanecem
em um mundo sem chão onde perco a fala

as vozes do mundo atravessam nossos tecidos
as vozes do mundo nos arrancam as roupas

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

ANTONIO RIGO

Antonio Rigo nasce en Palma de Mallorca, abril del 57; escribe poesía. Actualmente dirige los encuentros poéticos *El Último Jueves* que se celebran cada mes en la librería *Literanta* de Palma.

Ha publicado los siguientes libros:

Luces de Posición, 1991, edición A.R.

Mujer Triple, 1994, La Bolsa de Pipas, Monograma.

Poemas del Polígono Industrial, con versión inglesa de Lucía Graves, 1994, Bitzoc.

Página Par, con el dibujante Pere Joan, 1995, La Bolsa de Pipas, Monograma.

Parpadea y Me Habré Ido, pintura y poesía, con el pintor Joan Pol, 2000, edición de Santi Trián.

Poemas del Aeropuerto, 2004, Ateneo Obrero, Zigurat.

Días de Radio y Niebla, 2006, Calima Ediciones.

Ha sido incluido, entre otras, en las siguientes antologías:

Feroces, selección de Isla Correyero, 1998, DVD.

Poesía Contemporánea de Mallorca en castellano, 1999, Calima Ediciones.

Voces del Extremo, Poesía y Conciencia, 2000, Fundación Juan Ramón Jiménez.

El Último en Morir que Apague la Luz, Atlas poético, 2001, Ateneo Obrero, Zigurat.

Voces del Extremo, Poesía y Canción, 2004, Fundación Juan Ramón Jiménez.

Voces del Extremo, Poesía y Vida, 2006, Fundación Juan Ramón Jiménez.

ANTONIO RIGO

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Antonio Rigo nasceu em Palma de Mallorca, em abril de 1957; escreve poesia. Atualmente, dirige os encontros poéticos *El Último Jueves*, que são celebrados mensalmente, na livraria *Literanta*, de Palma.

Publicou os seguintes livros:

Luces de Posición, 1991, edição A. R.

Mujer Triple, 1994, La Bolsa de Pipas, Monograma.

Poemas del Polígono Industrial, com versão em língua inglesa de Lucía Graves, 1994, Bitzoc.

Página Par, com o desenhista Pere Joan, 1995, La Bolsa de Pipas, Monograma.

Parpadea y Me Habré Ido, pintura e poesia, com o pintor Joan Pol, 2000, edição de Santi Trián.

Poemas del Aeropuerto, 2004, Ateneo Obrero, Zigurat.
Días de Radio y Niebla, 2006, Calima Ediciones.

Foi incluído, entre outras, nas seguintes antologias:

Feroces, seleção de Isla Correyero, 1998, DVD.

Poesía Contemporánea de Mallorca en castellano, 1999, Calima Ediciones.

Voces del Extremo, Poesía y Conciencia, 2000, Fundación Juan Ramón Jiménez.

El Último en Morir que Apague la Luz, Atlas poético, 2001, Ateneo Obrero, Zigurat.

Voces del Extremo, Poesía y Canción, 2004, Fundación Juan Ramón Jiménez.

Voces del Extremo, Poesía y Vida, 2006, Fundación Juan Ramón Jiménez.

Poemas

Alcantilado.
Ser poeta
es caminar siempre
por el borde de la acera.

Alcantilado.
Ser poeta
é caminhar sempre
pela beira da calçada.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Sed.
Ser poeta
es beberse el sol
en el vino de la luna.

Sede.
Ser poeta
é beber-se o sol
no vinho da lua.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Inspiración.
El poeta escribe
cuando tose
la rosa.

Inspiração.
O poeta escreve
quando tosse
a rosa.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Antonio Rigo

Natureza.
Ser poeta
es tener la sorprendente
capacidad de mantener
intacta la capacidad
de sorpresa.

Natureza.
Ser poeta
é ter a surpreendente
capacidade de manter
intacta a capacidade
da surpresa.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Antonio Rigo

El rocío de esta madrugada:
Una mariposa de escarcha.

Poemas

O orvalho desta madrugada:
uma borboleta de geada.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Libélula nocturna
que elevas inocente
mi casa encendida,
¿A donde te diriges?

Libélula noturna
que elevas inocente
minha casa iluminada,
para onde te diriges?

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Antonio Rigo

El silencio de la nieve
es azul. La velocidad
de las flores, blanca.

Enero-abril 2006.

O silêncio da neve
é azul. A velocidade
das flores, branca.

Janeiro-abril de 2006.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

Antonio Rigo

Escribo la luz
cada vez que digo
tus ojos.

Poemas

Escrevo a luz
cada vez que digo
teus olhos.

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

JORGE ESPINA.

OVIEDO 1966

Poemas del libro *Reverdecer*. editorial el baile del sol. 2010

Poemas do livro *Reverdecer*. Editora el baile del sol.2010

Poemas

UN ANIMAL MANSO

Mediodía.

Bajo el último sol de febrero escucho el primer canto del mirlo,
acostado sobre el césped, con los ojos cerrados
acaricio la tierra como a un animal manso.
Mis dedos juegan con la hierba, siento el ensortijado cabello de un perro,
noto de vez en cuando, que la tierra
me lame la mano.

UN ANIMAL MANSO

Meio-dia.

Sob o último sol de fevereiro escuto o primeiro canto do melro,
deitado sobre a grama, com os olhos fechados
acaricio a terra como a um animal manso.
Meus dedos brincam com a relva, sinto o encaracolado cabelo de um cão,
noto, de vez em quando, que a terra
me lambe a mão.

Tradução: Maria Lucia Machado de Lorenci

Contemplo tu figura contra el azul del cielo.

Tomo apuntes,

Hago un croquis,

Un boceto.

Doblo la planilla formando un barco de papel,

Te deixo sobre las olas.

Contemplo tua figura contra o azul do céu.

Tomo nota,

Faço um croqui,

Um esboço.

Dobro a folha formando um barco de papel,

Te deixo sobre as ondas.

Tradução: Maria Lucia Machado de Lorenci

A mi abuelo Laureano, in memoriam

OLMOS Y CEREZOS

Es verano.
 Nos acostamos sobre la hierba
 A la sombra de un árbol.
 Contemplamos las ramas.
 No vemos el mismo árbol.
 Yo digo que es un olmo,
 Tú dices que es un cerezo.
 Para ti todo son cerezos,
 Existe una mirada interior.
 Aunque te prestara mis ojos
 No verías el mismo árbol
 Sonríes.
 Te parece bien que yo vea un olmo
 Sonríes.
 Aunque me prestaras tus ojos
 No vería el mismo árbol.
 Pasa el tiempo.
 Tú ya no estás.
 Todos los olmos
 Se tornan
 Cerezos.

A meu avô Laureano, in memoriam

OLMOS E CEREJEIRAS

É verão.
 Nos deitamos sobre a relva
 À sombra de uma árvore.
 Contemplamos os ramos.
 Não vemos a mesma árvore.
 Eu digo que é um olmo,
 Tu dizes que é uma cerejeira.
 Para ti tudo são cerejeiras,
 Existe um olhar interior.
 Ainda que te emprestasse meus olhos
 Não verias a mesma árvore
 Sorris.
 Para ti está bem que eu veja um olmo
 Sorris.
 Ainda que me emprestasses teus olhos
 Não veria a mesma árvore.
 Passa o tempo.
 Tu já não estás.
 Todos os olmos
 Se tornam
 Cerejeiras.

Tradução: Maria Lucia Machado de Lorenci

PADRE

Padre no ha leído nunca a Joyce,
Ni a Flannery O'Connor,
Padre no ha leído nunca a Carver.
Padre trabajaba de sol a sol
Como una bestia de carga.
A padre no le gusta Beethoven
Sufre de los hombros.
No le gustan Mozart, Telemann o Mahler.
No soporta el dolor de espalda.
Padre trae el pan a casa
Y no tiene tiempo para mariconadas.
Padre no distingue el Art nouveau del Dadaísmo
Y no conoce el pensamiento
De Kierkegaard o de Engels.
Cuando el cielo está nublado
A padre le aplasta el peso de su sombra.
Cuarenta años
Para comprender y admirar a padre,
A mi padre
Que trabajaba de sol a sol.
Mucho leer
Para no saber nada.

PAI

Pai não leu nunca Joyce,
Nem Flannery O'Connor,
Pai não leu nunca Carver.
Pai trabalhava de sol a sol
Como uma besta de carga.
Pai não gosta de Beethoven
Sofre dos ombros.
Não gosta de Mozart, Telemann ou Mahler
Não suporta a dor nas costas.
Pai traz o pão para casa
E não tem tempo para frescuras.
Pai não distingue a Art nouveau do Dadaísmo
E não conhece o pensamento
De Kierkegaard ou de Engels.
Quando o céu está nublado
Pai é esmagado pelo peso da sua sombra.
Quarenta anos
Para compreender e admirar o pai,
O meu pai
Que trabalhava de sol a sol.
Muito ler
Para não saber nada.

Tradução: Maria Lucia Machado de Lorenci

PRÍAMO, REY DE TROYA

De niño tuve un potrillo ciego,
No recuerdo animal más alto, más blanco,
Más manso.

De niño tuve un potrillo ciego,
Yo era su lazarillo,
Compartía con él mi merienda:
Le gustaba la miel y la sal,

Relinchar como un niño y
Seguirme a todas partes.

De niño tuve un potrillo ciego,
Añoro su olor animal y su tacto
De álamo verde.

Escondidos en su vientre
Afilan mis recuerdos
Soldados de madera.

PRÍAMO, REI DE TROIA

De menino tive um potrilho cego,
Não recordo animal mais alto, mais branco,
Mais manso.

De menino tive um potrilho cego,
Eu era o seu guia,
Dividia com ele minha merenda:
Ele gostava de mel e de sal,

Relinchar como um menino e
Seguir-me para todo lado.

De menino tive um potrilho cego,
Sinto saudade de seu cheiro animal e seu tato
De álamo verde.

Escondidos em seu ventre
Afiam minhas lembranças
Soldados de madeira.

Tradução: Maria Lucia Machado de Lorenci

El Último Jueves es un salonazo rojo lleno de poemas, humo azul y entusiasmo. El Último Jueves es un grito ancestral y primitivo que cultiva las almas de una ciudadanía y una juventud algo dormida, aletargada e incluso acomodada. El Último Jueves es una mujer vestida de blanco en la noche oscura de la cultura. Es un pan caliente, una electricidad vertical, un bosque encendido, un horizonte sin medida ni concesiones ni tregua. El Último Jueves es una historia de amor. El Último Jueves es el romanticismo del tigre, el grito de la mariposa y la o del acantilado. El Último Jueves es una patada en el culo de la muerte, es una rosa pura en las avenidas grises de la tristeza y el diamante. El Último Jueves es la luz de otra manera. Lo único serio, la única historia que debe ser contada es la poesía.

El Último Jueves es una historia poética que nació hace ya diez años en la librería Tótem de Palma, allá en la calle Palau Reial. Cada último jueves de mes aquel submarino de libros y energía que era Tótem se transformaba en el escenario natural de la poesía viva. En esa primera etapa se celebraron especiales dedicados a figuras poéticas como Arthur Rimbaud, Jack Kerouac y la generación beat, Dylan Thomas, poesía y flamenco, la poesía del rock, Lady June, Mario Ricci, Cristóbal Serra, Jim Morrison, John Lennon, etc. De los poetas que pasaron por esas lecturas podemos destacar ahora a José Carlos Llop, Guillem Soler, Biel Mesquida, Francisco Díaz de Castro, Lucía Graves, Xisco Joan, Emilio Arnao, Román Piña Valls o Guillermo Pérez de Diego entre muchos otros. Dichas sesiones acababan con una lectura abierta de poesía: es el turno de la gente que empieza o que hace ya tiempo que escribe pero se mantiene en el anonimato o bien es ignorada; el valor de la obra es el que debe tener el poeta si es auténtico y tiene el valor blanco y libre de desnudarse. El Último Jueves estaba formado en aquel entonces por Antonio Rigo como director y moderador y como colaboradores los poetas Román Piña y Emilio Arnao. La historia de El Último Jueves se mantuvo durante cerca de tres años y después sufrió un parón por agotamiento. Al reemprender de nuevo esas lecturas, se cambió de ubicación. Tótem ya había cerrado y El Último Jueves se trasladó al Casal Solleric del Borne, allá junto a las leonas y el dry martini y aquel paseo de Robert Graves que algunos guardamos mítico en nuestra memoria. Este ciclo duró un año y en él se incorporaron colaboradores nuevos a la historia original: Salvador Bonet y Julián Sánchez, además de la aparición intermitente de los colaboradores de la primera etapa. En esta segunda etapa habría que destacar la aparición en escena de poetas jóvenes que tenían en ese salón rojo de El Último Jueves un lugar en el que decir su cosa en voz alta, entre ellos José Vidal Valicourt, Magdalena Ferragut o Patricia Peláez; como novedades se incorporó la música a los últimos jueves y se contó también con la colaboración de pintores de la talla de Joan Pol, Dolores Sampol o Bartolomé Sancho. Después de ese ciclo y durante un tiempo de descanso El Último Jueves se

trasladó a la Fundación Pilar i Joan Miró, que dirigía por aquel entonces Aurelio Torrente. En esa etapa los muchachos de El Último Jueves comenzaron a utilizar los audiovisuales. Se hicieron especiales dedicados a la figura de Oscar Wilde y de los hermanos Marx. También después vino un parón. En esta etapa, que duró dos años de nuevo en el salón rojo del Soler, se mantuvo vivo el esquema de la primera historia, es decir, se invita a un poeta consagrado o se dedica a una figura ya desaparecida pero de importancia vital y en la parte final, entre la música y los audiovisuales, hay siempre la sesión de lectura abierta. Como gran novedad en esa etapa ofrecíamos cava, patatillas y aceituna rellenas. Desde hace ahora mismo un año, El Último Jueves se trasladó a la librería Literanta que está ubicada en pleno corazón o piedra antigua de Palma. Los colaboradores de El Último Jueves son Antonio Rigo como director y moderador del desparpajo, Salvador Bonet, Emili Sánchez Rubio, Luis Ansorena, Car y Paula. Decir que el aumento de espectadores en este último cambio ha sido espectacular; tanto es así que en el pasado último jueves de julio (dedicado a la figura de Robert Graves, en los ya célebres Birthday's Reading) se rozaron las 200 personas.

Hasta aquí la historia de El Último Jueves. Deciros que, como vereis, he centrado esta antología en los componentes de El Último Jueves, ya que me parece una historia de amor y dedicación a la poesía que merece ser contada en voz alta. He añadido a la lista de El Último (Emili Sánchez Rubio, Luis Ansorena, Paula, Car, Salvador Bonet y Antonio Rigo) cuatro poetas que me parecen dignos de resaltar por su trabajo y también vocación poética. Son Juan Planas (poeta culturalista y de unas raíces que nos llevarían la mismísimo Elliot), Felipe Hernández (novelista, músico y asombroso y fresco poeta con un lirismo absolutamente moderno), Pau Castanyer (joven voz que busca la pureza y el color blanco) y Valentín Chacartegui (poeta adolescente de relámpago azul y centelleo en las manos de la mirada). Creo que con esto hay una muestra considerable de lo que se está cociendo ahora mismo en la ciudad de Palma.

ANTONIO RIGO
junio, julio y agosto del 2006

A HISTÓRIA DE EL ÚLTIMO JUEVES, UMA BIOGRAFIA POÉTICA

Tradução: Maria Regina Lucena Borges Osório

El Último Jueves é um salão vermelho repleto de poemas, fumaça azul e entusiasmo. *El Último Jueves* é um grito ancestral e primitivo que cultiva as almas de

uma cidadania e uma juventude meio adormecida, amodorrada e até acomodada. *El Último Jueves* é uma mulher vestida de branco na noite escura da cultura. É um pão quente, uma eletricidade vertical, um bosque iluminado, um horizonte sem medida, nem concessões, nem trégua. *El Último Jueves* é uma história de amor. *El Último Jueves* é o romantismo do tigre, o grito da borboleta e o do alcantilado. *El Último Jueves* é um chute no traseiro da morte, é uma rosa pura nas avenidas cinzentas da tristeza e o diamante. *El Último Jueves* é a luz de outra maneira. A única coisa séria, a única história que deve ser contada, é a poesia.

El Último Jueves é uma história poética que nasceu há dez anos na livraria Totem de Palma, ali na rua Palau Reial. Em cada última quinta-feira do mês, aquele submarino de livros e energia que era a Totem se transformava no cenário natural da poesia viva. Nessa primeira etapa, promoveram-se especiais dedicados a figuras poéticas como Arthur Rimbaud, Jack Kerouac e a geração *beat*, Dylan Thomas, poesia e *flamenco*, a poesia do *rock*, Lady June, Mario Ricci, Cristóbal Serra, Jim Morrison, John Lennon, etc. Dos poetas que passaram por essas leituras podemos destacar agora José Carlos Llop, Guillem Soler, Biel Mesquida, Francisco Díaz de Castro, Lucía Graves, Xisco Joan, Emilio Arnao, Román Piña Valls ou Guillermo Pérez de Diego, entre muitos outros. Essas sessões terminavam com uma leitura aberta de poesia: é o momento de quem inicia ou já escreve há tempo, mas se mantém no anonimato, ou então é ignorado; o valor da obra é o que deve ter o poeta, se for autêntico e tiver a coragem branca e livre de se desnudar. *El Último Jueves* era formado, naquele tempo, por Antonio Rigo, como diretor e moderador, e pelos poetas Román Piña e Emilio Arnao, como colaboradores. A história de *El Último Jueves* manteve-se durante cerca de três anos, e depois sofreu uma interrupção repentina por esgotamento. Ao serem retomadas essas leituras, mudou-se de local. A Totem já havia fechado, e *El Último Jueves* transferiu-se para o Casal Soler del Borne, ali junto às leas, ao martini seco e àquele passeio de Robert Graves que alguns guardamos miticamente em nossa memória. Esse ciclo durou um ano, e a ele se integraram novos colaboradores à história original: Salvador Bonet e Julián Sánchez, além do comparecimento intermitente dos colaboradores da primeira etapa. Nessa segunda fase, deveria ser destacado o surgimento em cena de poetas jovens que tinham, nesse salão vermelho de *El Último Jueves*, um local onde dizer suas coisas em voz alta, entre eles José Vidal Valicourt, Magdalena Ferragut ou Patricia Peláez; como novidades, inseriu-se a música nas últimas quintas-feiras e se contou também com a colaboração de pintores do porte de Joan Pol, Dolores Sampol ou Bartolomé Sancho. Depois desse ciclo e durante um período de descanso, *El Último Jueves* transferiu-se para a Fundação Pilar i Joan Miró, que naquela época era dirigida por Aurélio Torrente. Nessa etapa, os rapazes do *El Último Jueves* começaram a utilizar os audiovisuais. Realizaram-se especiais dedicados à figura de Oscar Wilde e dos Irmãos Marx. Também depois sobreveio uma interrupção brusca. Nesse

período, que durou dois anos de novo no salão vermelho do Solleiric, manteve-se vivo o esquema da primeira história, isto é, convidava-se um poeta consagrado ou se dedicava a uma figura já desaparecida, mas de importância vital, e, na parte final, entre a música e os audiovisuais, havia sempre a sessão de leitura aberta. Como grande inovação, nessa etapa, oferecíamos vinho espumante, batatinhas e azeitonas recheadas. Há exatamente um ano, *El Último Jueves* mudou-se para a livraria Literanta, que está localizada em pleno coração ou pedra fundamental de Palma. Os colaboradores do *El Último Jueves* são Antonio Rigo, como diretor e moderador do descaramento, Salvador Bonet, Emili Sánchez Rubio, Luis Ansorena, Car e Paula. E dizer-se que, nessa última mudança, o aumento de espectadores foi espetacular! Tanto é assim que na última quinta-feira de julho (dedicada à figura de Robert Graves, nas já célebres *Birthday's Readings*), reuniu cerca de 200 pessoas.

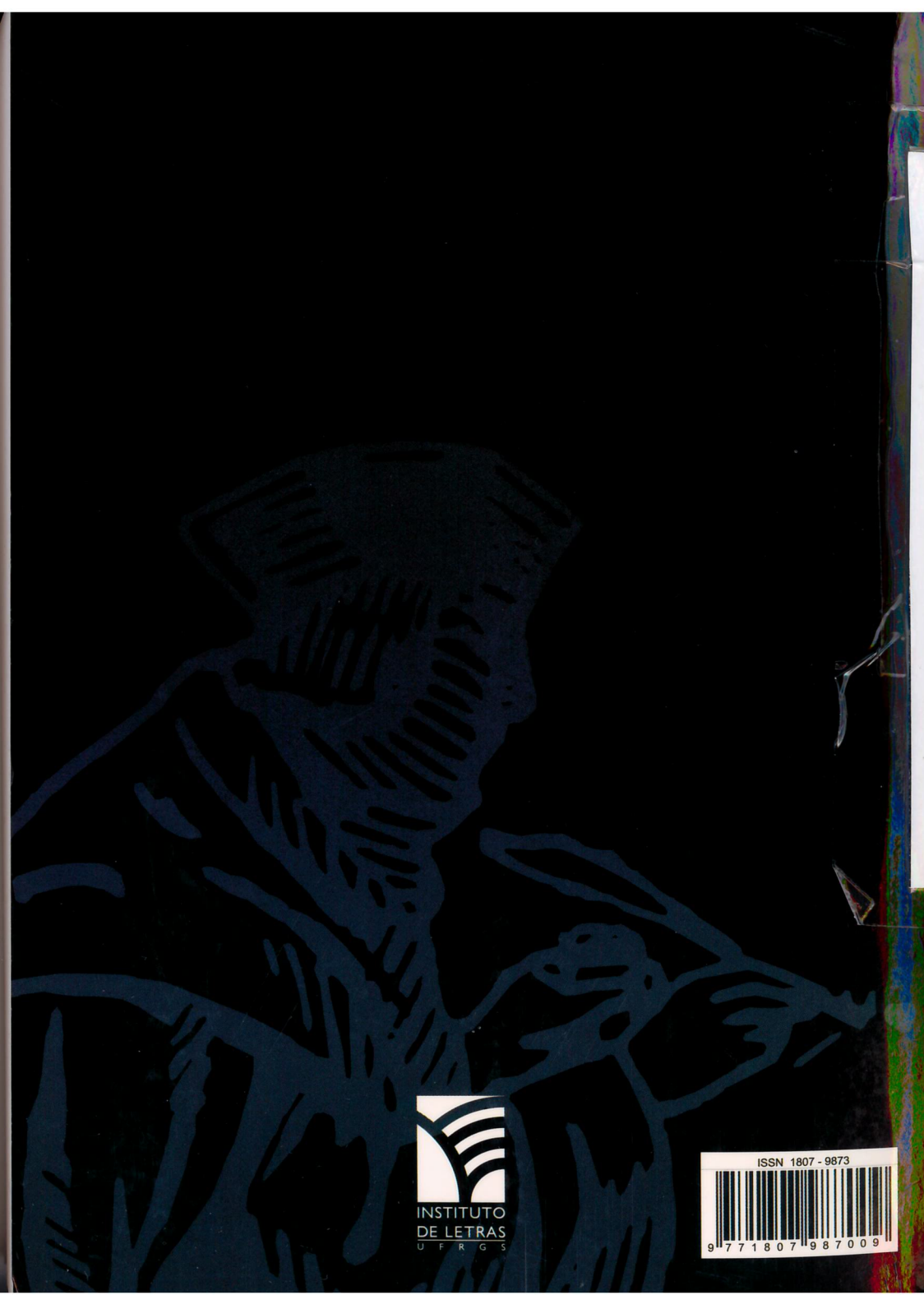
Até aqui a história de *El Último Jueves*. Digo-lhes que, como verão, concentrei esta antologia nos componentes de *El Último Jueves*, já que me parece uma história de amor e dedicação à poesia que merece ser contada em voz alta. Acrescentei à lista de *El Último* (Emili Sánchez Rubio, Luis Ansorena, Paula, Car, Salvador Bonet e Antonio Rigo) quatro poetas que me parecem dignos de destaque por seu trabalho e vocação poética também. São Juan Planas (poeta culturalista e de raízes que nos levariam ao próprio Elliot), Felipe Hernández (romancista, músico e poeta admirável e insolente, com um lirismo absolutamente moderno), Pau Castanyer (voz jovem que busca a pureza e a cor branca) e Valentín Chacartegui (poeta adolescente de relâmpago azul e lampejo nas mãos do olhar). Creio que com isso há uma amostra considerável do que está em ebulição atualmente na cidade de Palma.

ANTONIO RIGO

Junho, julho e agosto de 2006



UFRGS
Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades



INSTITUTO
DE LETRAS
UFRGS

ISSN 1807 - 9873

